

O ENTRUDO

na Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés



Interreg



Co-financiado por
la Unión Europea
Co-financiado pela
União Europeia

Espanha – Portugal

GERÊS-XURÉS
mais sustentável

GERÊS-XURÉS
RESERVA DA BIOSFERA
TRANSFRONTEIRIÇA




DEPUTACIÓN
OURENSE



O ENTRUDO

na Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés



Interreg



Cofinanciado por
la Unión Europea
Cofinanciado pela
União Europeia

Espanha - Portugal

GERÊS-XURÉS
mais sustentável

GERÊS-XURÉS
RESERVA DA BIOSFERA
TRANSFRONTEIRIÇA



DEPUTACIÓN
OURENSE



O PROJETO GERÊS-XURÉS MAIS SUSTENTÁVEL É COFINANCIADO PELA UNIÃO EUROPEIA
ATRAVÉS DO PROGRAMA INTERREG VI A ESPANHA-PORTUGAL (POCTEP) 2021-2027.

Interreg



Cofinanciado por
la Unión Europea
Cofinanciado pela
União Europeia

España – Portugal

**GERÊS-XURÉS
mais sustentável**



Presidente: Luis Menor Pérez

Edita: Projeto GERÊS-XURÉS MAIS SUSTENTÁVEL

Coedita: Deputação de Ourense

Textos e fotografias: NOSO s.c.g

(novembro 2025)

Investigadores principais (Galiza):

Sergio Pereira Ibáñez

Daniel Añel Vázquez

Fotografias (Portugal)

Sombra Chinesa (Martin Dale, Diogo Costa)

Índice de conteúdos

Prefácio	4
Território de entrudo	6
Tempo de entrudo	8
Entrudo para não iniciados	10
Os entrudos que herdámos	14
Os entrudos na raia seca Gerês–Xurés	36
O Entrudo de Bande	37
O Entrudo de Entrimo	43
O Entroido de Lobios	48
O Entroido de Vilameá	53
O Entrudo de Muíños	58
O Entrudo de Cabril	62
O Entrudo de Outeiro	66
O Entrudo de Lindoso	69
O Entroido de Castro Laboreiro	73
O Entrudo de Pitões das Júnias	76
O Entrudo de Tourém	79
Frente ao despovoamento, folião*	82
Agradecimentos	84
Bibliografia	86

NOTA

Este livro sobre o Entrudo foi realizado no âmbito do projeto Gerês-Xurés Mais Sustentável, cofinanciado pela União Europeia através do programa Interreg VI Espanha-Portugal (POCTEP) 2021-2027.

O projeto Gerês-Xurés Mais Sustentável tem como principal objetivo potenciar o papel da cultura e do turismo sustentável no desenvolvimento económico, na inclusão social e na inovação social na Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés (RBTGX).

Prefácio

O que o leitor encontrará nas páginas que se seguem é um breve guia divulgativo para conhecer aquelas celebrações de entrudo que hoje gozam de maior vitalidade no território raiano da Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés.

É uma publicação que pode ser utilizada como guia de visita: dias, lugares e celebrações são apresentados de forma a permitir percorrer o território e aproximar-se de uma das suas manifestações culturais mais significativas.

Ao mesmo tempo, oferece uma breve introdução ao que é a festa do entrudo e à diversidade de formas em que se manifesta neste âmbito transfronteiriço.

O que esta publicação não pretende é oferecer um catálogo de festas. Ao longo destas páginas, encontrará vozes, imagens e relatos que procuram aproximar o leitor de uma realidade vivida: fragmentos das experiências passadas e presentes das comunidades de ambos os lados da raia, portadoras de um rico património imaterial partilhado.

Esta publicação é o resultado de um trabalho de campo desenvolvido ao longo do ano de 2025, durante o qual se assistiu a diferentes entrudos e se entrevistou numerosas pessoas. Para a sua realização foi imprescindível a colaboração generosa e desinteressada de todas as pessoas que celebram ou celebraram o entrudo no âmbito territorial da Reserva, acompanhando-nos neste processo de descoberta. Que estas páginas sirvam de reconhecimento e agradecimento.

Cumpre salientar que as imprecisões, erros ou omissões que possam existir no texto que se segue são responsabilidade única e exclusiva dos seus autores.



Território de entrudo

Galiza

1 **Bande**
Troteiros

2 **Entrimo**
Madamitas e Madamitos

3 **Lobios**
Follateiros

4 **Lobios**
Danzantes de Vilameá

5 **Muínos**
Cabreiros

1 **Cabril**
Caretos

2 **Outeiro**
Folhateiros

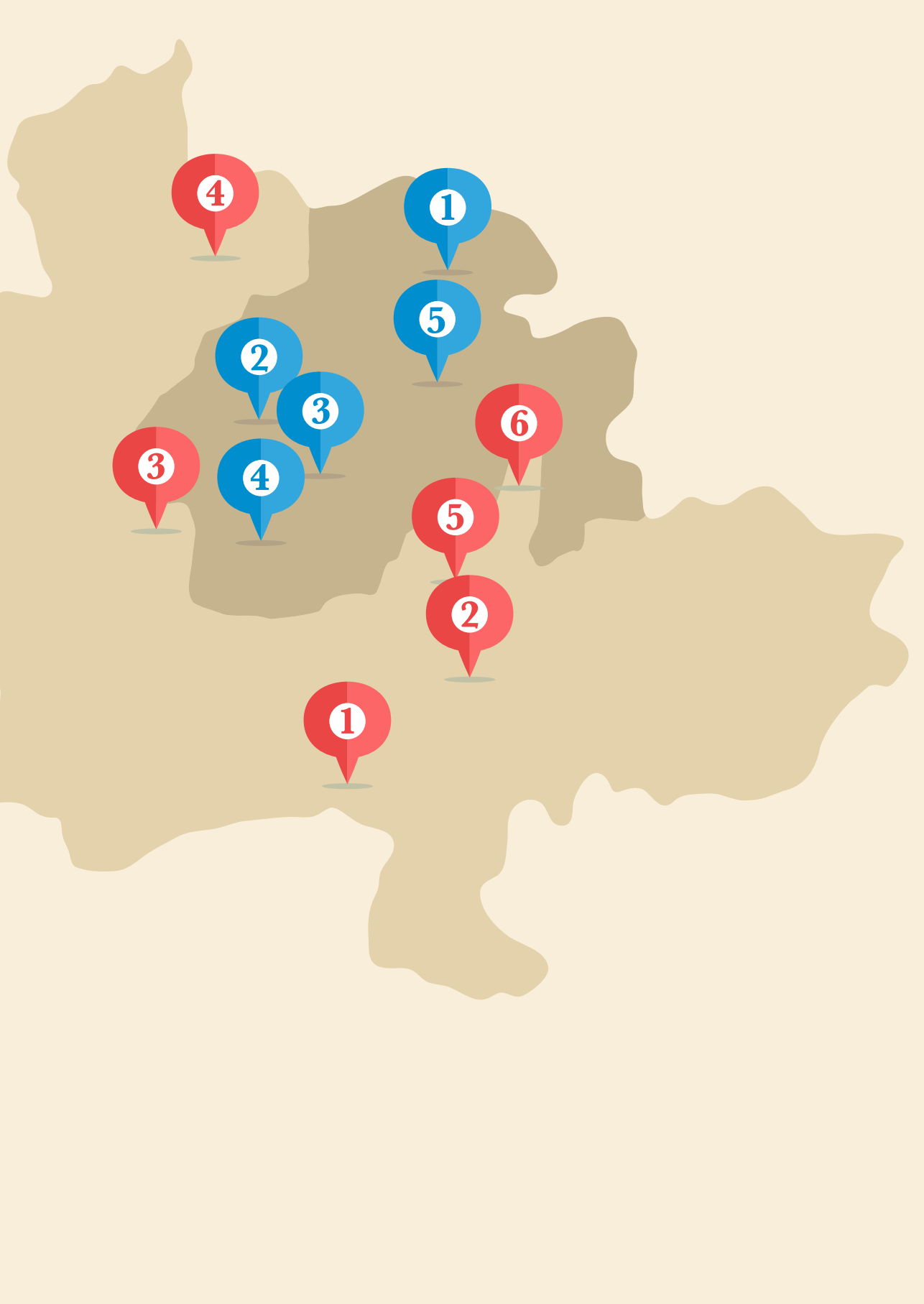
3 **Lindoso**
Pai Velho

4 **Castro Laboreiro**
Farrangalheiros e farrapeiros

5 **Pitões das Júnias**
Caretos e Farrapões

6 **Tourém**
Felipeiros

Portugal



Tempo de entrudo

O entrudo inscreve-se no conjunto das máscaras próprias do ciclo de inverno, concretamente na transição entre esta estação e a primavera. Tratava-se de um momento fundamental para as sociedades agrícolas tradicionais, por ser uma fase-chave do ciclo produtivo agrícola relacionada com a renovação da natureza.

A festa contribuía assim para marcar o tempo, separando o período invernal, de maior recolhimento doméstico e menor intensidade de trabalho no campo, do ciclo primaveril e estival, associado à reativação das tarefas agrícolas.

Este calendário festivo foi reorganizado pela Igreja cristã ao converter o entrudo num rito de passagem para a Quaresma, passando esta festa religiosa a determinar a data em que o entrudo tem lugar.

O entrudo é, portanto, uma data móvel no calendário. Para o seu cálculo têm-se em conta o ciclo solar e o ciclo lunar: o primeiro domingo após a primeira lua cheia da primavera é o dia da Páscoa da Ressurreição, que põe fim à Quaresma. A partir dessa data retrocedem-se quarenta dias para marcar o seu início, a Quarta-feira de Cinzas. A partir daí estabelecem-se também os dias grandes do entrudo: domingo e terça-feira.

Consoante os lugares, os dias principais recebem diferentes denominações: domingo corredeiro ou fraco, domingo e terça-feira gordos, etc.



Calendário alargado do entrudo



Entrudo para não iniciados

O entrudo é uma das manifestações culturais mais emblemáticas de muitas zonas raianas entre a Galiza e o norte de Portugal e, ao mesmo tempo, faz parte de um âmbito geográfico muito mais amplo que conecta este território com o conjunto do continente europeu, onde existem celebrações semelhantes.

Trata-se de uma celebração própria do final do tempo de inverno e da transição para a primavera, situada imediatamente antes da Quaresma, que, além de determinar o seu lugar no calendário, lhe confere parte do seu sentido dentro do ciclo festivo anual.

Juntamente com as formas mais urbanas do entrudo — ou carnaval, denominação mais difundida nesses contextos — coexistem os entrudos rurais tradicionais. Ambos os modelos estão presentes nos diferentes lugares e povoações da Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés, configurando uma realidade plural e diversa de manifestações. É na sua dimensão rural que o entrudo continua a ser uma festa comunitária, na qual a auto-organização por parte dos celebrantes mantém um papel central.

O entrudo caracteriza-se por ser um período de excesso alimentar, pela transgressão e inversão da ordem habitual, pelo riso, a burla e a sátira, e pela presença de diferentes máscaras que protagonizam os distintos atos festivos que integram o conjunto da celebração.

A máscara ocupa um lugar central neste universo festivo: permite atuar com liberdade, transgredir normas e comportar-se de formas que não têm lugar na vida cotidiana. As figuras mascaradas — velhos, novos, animais, personagens burlescas — encarnam diferentes dimensões da festa: a desordem, a renovação, o jogo, a sátira... Porém, a máscara não só transforma quem a usa, como também modifica a relação com a comunidade, que a reconhece e responde perante ela: fugindo, rindo, provocando ou ocultando-se.

Durante a festa instaura-se um tempo distinto, fora do tempo ordinário, com regras próprias e de duração delimitada, no qual se permite aquilo que, durante o resto do ano, está restringido ou proibido.

Teorias sobre a origem do entrudo

As origens do entrudo são difíceis de rastrear e perdem-se no decurso do tempo. Trata-se, na realidade, de um compêndio de ritos que foram sendo agregados, transformados ou desaparecendo ao longo dos séculos, pelo que não existe uma única origem, mas sim múltiplas procedências.

A maior parte dos investigadores coincide em situar o núcleo das celebrações e a estrutura atual do rito na época medieval. Porém, não há dúvida — e assim o afirmam estes mesmos investigadores — de que o seu primeiro germe se remontar-se-ia a tempos muito anteriores. Diversas são as teorias.

Um primeiro grupo de autores relacionou o entrudo com sobrevivências de ritos pré-históricos vinculados ao ciclo agrário. Segundo esta interpretação, as comunidades camponesas, através de ritos propiciatórios, procuravam assegurar a renovação da natureza após o período invernal, da qual dependia a sua sobrevivência.

Um segundo enfoque encontra em festividades da Antiguidade Clássica o antecedente imediato dos atuais entrudos. Entre elas costumam citar-se as Saturnais, que tinham lugar no solstício de inverno e se caracterizavam pela inversão temporária da ordem social, pela troca de presentes e pelo excesso alimentar; as Lupercais, celebradas em meados de fevereiro, durante as quais se sacrificavam machos bodes e se fabricavam, com as suas peles, látigos utilizados pelos oficiantes mascarados semidespidos, cujos golpes se acreditava que propiciavam a fertilidade de moças e mulheres; e as Matronais, em meados de março, centradas na homenagem às mulheres e nas quais as escravas, à semelhança do que acontecia com os escravos durante as Saturnais, gozavam de liberdade.

Finalmente, a teoria mais difundida vincula a configuração do entrudo tal como chegou até nós ao mundo medieval europeu e ao papel da religião cristã. O termo carnaval aparece documentado já no século XII, entendido como um período festivo de abundância e carne que antecede — e se opõe — ao tempo posterior da Quaresma, marcado pela contenção e pela abstinência de excessos. Por outro lado, o comportamento burlesco, a crítica e a sátira aos costumes sociais, assim como a inversão das hierarquias, fariam parte das conhecidas festas dos loucos medievais, celebradas em diferentes pontos da geografia europeia e caracterizadas pela suspensão temporária da ordem estabelecida.

Em síntese, a estrutura atual do entrudo está estreitamente vinculada ao contexto medieval europeu e ao cristianismo, sem que isso negue a possibilidade de que nele tenham ficado integrados ritos e elementos provenientes de épocas anteriores, desprovidos dos seus sentidos e significados originários.

Sentidos e interpretações

Relacionadas com as diferentes origens atribuídas ao entrudo, desenvolveram-se diversas interpretações sobre os sentidos da festa e dos rituais que a integram. Apresentam-se de seguida as mais difundidas na literatura histórica e antropológica.

Rituais de celebração da renovação da natureza

Segundo esta leitura, o sentido primordial da festa estaria relacionado com a conceção cíclica do tempo e com o trânsito simbólico do inverno para a primavera. A festa expressaria assim a necessidade de assegurar a continuidade da vida. No seu conjunto, a celebração do entrudo seria a celebração da renovação da natureza e do triunfo da vida sobre a morte.

Rituais de fertilidade

Estreitamente ligada à anterior, esta interpretação entende que muitos dos atos que integram o entrudo procurariam promover e favorecer a fertilidade. A natureza, assim como o mundo animal e humano, necessita revitalizar-se após o período invernal através de cerimónias específicas. As máscaras fustigadoras teriam como função principal, à semelhança das lupercais, a de “ativar” a capacidade geradora das mulheres e dos campos. O protagonismo da juventude, a inversão de papéis de género, os jogos de aproximação entre raparigas e rapazes, e a presença de elementos e manifestações de erotismo reforçariam este tipo de leituras sobre o sentido da celebração.

Ritos de inversão da ordem

Outra interpretação destaca a rutura temporária da norma social: o excesso alimentar em contextos tradicionais de escassez, a troca de papéis de género, a sátira pública das autoridades e instituições, a burla dos costumes sociais, entre outros elementos, caracterizam o entrudo como um momento de suspensão da ordem social estabelecida.

Uma chave antropológica para compreender a celebração

A etimologia dos termos entroido e entrudo, com as suas variantes galegas — antroido, entroiro, entruido ou entrudio — e outras formas utilizadas no noroeste peninsular — antruejo e antruexo — pode fornecer-nos uma pista sobre o sentido da festa.

Todos eles derivam do termo latino *introitus*, ‘entrada’, que alude a um tempo de transição, isto é, um período delimitado com um início e um fim, no qual a comunidade entraria num estado excecional antes de regressar ao seu estado anterior.

Este período liminar define-se pela desordem. Mas não se trata de uma rutura caótica, mas sim de uma desordem regulada, na qual operam inversões simbólicas em relação ao estado normal das coisas e onde os valores expressos são os contrários aos da vida quotidiana. Neste contexto, a máscara funciona como veículo de dissolução da identidade, esbatendo os papéis, funções e hierarquias próprias da estrutura social.

Mas esse tempo em que todas essas normas são questionadas e colocadas em suspenso é temporário, e chega ao seu fim com a morte simbólica da sua personificação — através do seu enterro ou queima — para dar entrada a outro período, o da Quaresma.

A suspensão da ordem está, assim, claramente delimitada. Neste sentido, o entrudo não nega a ordem, mas reafirma-a, recordando a toda a comunidade que o mundo ordinário, e as suas regras, deve ser restaurado.



Os entrudos que herdamos

As vozes da festa

As informações reunidas neste capítulo provêm de entrevistas realizadas durante vários meses do ano de 2025 a vinte mulheres e dez homens dos concelhos de Bande, Calvos de Randín, Entrimo, Muíños, Lobeira e Lobios.

São pessoas nascidas entre 1928 e 1955, isto é, com idades compreendidas entre os 70 e os 98 anos. As suas recordações permitem-nos vislumbrar a forma como se celebrava o entrudo nas aldeias e freguesias do lado galego da Reserva durante as décadas de 1940 a 1960, antes das grandes transformações que iniciaram a decomposição do mundo e da cultura rural deste recanto da fronteira e, em geral, do conjunto do país.

Para lhes dar protagonismo e reconhecimento, reproduzem-se ao longo do texto fragmentos das conversas recolhidas, nas quais, através do véu da memória, se reconstrói um entrudo hoje desaparecido, mas decisivo para compreender o atual.

Estas entrevistas íntegras podem ser consultadas na biblioteca da Deputação de Ourense, no Museu Etnológico de Ribadavia e no Museu do Povo Galego para fins de investigação. Trata-se de um dos principais objetivos do projeto Gerês-Xurés Mais Sustentável: preservar a memória dos entrudos tradicionais do lado galego da Reserva da Biosfera.



A memória da celebração

O tempo de entrudo

O tempo da festa abrangia uma ou várias semanas do inverno, consoante os lugares, tendo o seu ponto alto nos dias principais: o domingo e a terça-feira de entrudo, quando se punha fim a esse ciclo festivo marcado pelo excesso, a permissividade, o ruído e as risadas, dando lugar a um novo ciclo: o da Quaresma, de ordem, contenção, silêncio e jejum.

“...no inverno, millor inda, porque entonces xuntábamnos tódalas noites nos fiadeiros. E cando viña o carnaval, tres semanas antes, xa entonces despues faiamos sempre festa, e vestíamosnos de disfraces”.

Otilia González, Entrimo [EN-25-EN-002]

“...vestimos de vello (risas) e andabamos polas casas de noite, ca cara tapada para que non te coñeceras e recorrias as casas do pueblo vestidos. [...] Así con roupa, con roupas vellas...un abrigo vello, un pantalón vello, e así. E despois puñas unha máscara, unha careta, e andabas así polo pobo [...] quince días antes ou oito días antes, ou así”.

M^a Isabel Veloso, Lobios [EN-25-LO-001]

“O entroido empeza o domingo antes de domingo de entroido. Ese domingo era... chamabámoslle aquí o domingo flaco, que eran os entroidos daquel pueblo de alí de Padrenda, eu acórdome aínda de ir alí aos entroidos. E despois o domingo gordo era o da Devesa, e o martes eran os de Vilameá e acababa, despues era miércoles de ceniza”.

Palmira Costas, Lobios [EN-25-LO-001]

“Con roupas vellas, roupas... ao mellor cuns pantalóns dun vello e unha falda dunha vella, ou así, porque nós, oito días antes xa andabamos polo pueblo porque os vellos gostaban de ver os entroidos”.

Argentina González, Lobios [EN-25-LO-003]

“O entroido comezábbase, cando se comezaba, comezábbase polo mes de febreiro, por aí, comezábbase o entroido [...] Empezábbase o domingo corredoiro, e despois viña o domingo de entroido, e despois xa viña o martes de entroido, e así”.

Manolo López, Bande [EN-25-BA-004]

A geografia

Os entrudos celebravam-se, com maior ou menor intensidade e com as suas próprias singularidades, em todos os concelhos da Reserva, tendo como âmbito fundamental de celebração o espaço aldeão, o espaço próprio da comunidade.

Porém, este marco geográfico podia abranger, em muitos casos, várias aldeias próximas da mesma freguesia ou até de freguesias vizinhas, do próprio ou de outros concelhos, entre as quais existiam laços intracomunitários por razões geográficas, económicas, sociais, familiares ou históricas.

Estes deslocamentos, nos quais se visitavam esses outros lugares, expressavam a ligação necessária entre aldeias, laços que se reforçavam durante o entrudo através da celebração conjunta.

“Iamos [dende Parada do Monte] por Senderiz, Villariño, A Canle e despois dábase a volta por Lubeira, ou se viña de volta e íbase outro día a Lubeira e despois ías de Corvelle a Pereira, a Cadós...”

Carmen Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-001]

“Iamos [dende Castelaus] ata A Vila, sabes onde é, non? [...] e a Pintás, Lobás, Serois e ata Fontearcada, mais xa non se ía, estes pobos de... máis cercanos, claro”.

Bernardo Sotelo, Calvos de Randín [EN-25-CR-005]



Entrudos de Vilameá. Fotografia cedida pelos moradores. Anos 50/60

Os espaços festivos

Embora, no essencial, o entrudo seja uma festa ao ar livre — na qual ruas, praças e eiras, temporariamente apropriadas pelos celebrantes, constituíam os cenários principais dos atos festivos — estes não eram os únicos espaços envolvidos.

Espaços semipúblicos, como tabernas, tendas ou casinos, nos lugares com um caácter mais urbano ou próximos destes; e também espaços domésticos de acesso mais restrito, como as casas e os fiadeiros transgredidos durante esses dias, integravam igualmente os espaços festivos próprios do entrudo.

A penetração temporária nestes lugares privados fazia parte do tempo do entrudo, no qual se cruzavam limites e se diluía a separação entre o âmbito doméstico e o comunitário.

RUAS

“Pois eses días normalmente disfrazábanse pola noite, entón ían recorrendo o pueblo casa por casa”.

M^a Victoria González, Calvos de Randín [EN-25-CR-001]

EIRA

“...nunha eira, nunha eira, tal como aquí, chegaban nesa praza aí arriba [...] de onde viñeran, chegaban aí á praza aí, bailábase ou faíase o que fora e xa estaba”.

Manolo López, Bande [EN-25-BA-004]

CASINO

“O domingo e o martes, pero eses días xa íamos ao casino, [...] En Entrimo, na Terrachán [...] íamos á festa, faían a festa no casino”.

Otilia González, Entrimo [EN-25-EN-002]

FIADEIRO

“E cada noite había todo ese mes de antroido, cada noite había, chamabámoslle o fiadeiro, chamabámoslle o fiadeiro”.

Miguel Valencia, Calvos de Randín, [EN-25-CR-002]

“... nunha cuadra debaixo da casa. Entón as mozas íamos para alí, pero tiñamos que fiar na roca, fiar, ou calcetar... Faíamos jersey para por, faíamos as medias, entonces viñan os mozos vestidos de entroido, pero cunha roupa vella, así e unha careta, e entón veña... levantábannoos as roupas para arriba ata a cintura e nós para abaixo, e eles para arriba, e para abaixo, e para arriba. Entón, mire...

era un candil, unha candelexa así, e con aquilo fiabamos, estaba alí na parede e dábanlle un pau ao candil e quedabamos ás escuras e despois faldreábannos outra vez. Estabamos agachadas así onda as mulleres vellas, que ían as avoas para alí para nos coidar. Entonces dicían, bueno, pois se non deixan de faldrear, entón hai que bailar. Entonces a avoa collía unha, unha cazola e tiña unha chave, porque antes as chaves eran así grandes, non, un chavón dises. Entón tocaban a cazola e a outra vella tocaba a lata”

Rosa Pena, Muíños [EN-25-MU-001]

“Claro o que non querías é que te coñeceran, e ás veces iban e se ían ao fiadeiro ou así, os homes ían co pau e levantábanlle a saia ás mozas, as que estaban alí no fiadeiro”.

M^a Clotilde Rodríguez, Entrimo [EN-25-EN-003]

Os participantes

JUVENTUDE

Os protagonistas da festa eran maioritariamente os rapazes e raparigas, participando uns e outras, embora nem sempre em situação de igualdade. A juventude, como é referida em mais de uma ocasião pelos entrevistados, constituía esse segmento da população que estava prestes a entrar definitivamente na vida adulta, tradicionalmente marcada pelo casamento.

“Non, normalmente eramos so rapaces e rapazas [a correr o entroido], os vellos, os vellos aí non se metían”.

Argentina González, Lobios [EN-25-LO-003]

“Unha vez que me casei, gustábame e iso pero non me revestín máis”.

María Rodríguez, Bande [EN-25-BA-003]

“Dependía, había quen ía, que andaba tódolos anos, pero despois ao casarse, pois xa non se andaba con iso”; “Chegara unha ocasión de haber ata vinte e vinte mozos, o sea, se quere dicir solteiros”.

Bernardo Sotelo, Calvos de Randín [EN-25-CR-005]

ADULTOS

Porém, o entrudo não estava restrito à juventude, sendo uma celebração aberta a toda a comunidade, desde os rapazes até aos adultos, ainda que com papéis e protagonismos diferenciados.

Assim, não era estranho que os casados se mascarassem e integrassem as comitivas, em muitos casos de ofícios, ou assumissem papéis de responsabilidade e de “controlo”.

“Por que iban os vellos, o meu pai, que en paz descanse, foi a Lobeira que foron unha vez a Lobeira, e foi de dentista cunha camisa todo rota, o pantalón tamén véndoselle o coiro. Pero de dentista, e outros iban doutra cousa, vellos, vellos...”

Carmen Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-001]

Os adultos tinham também um papel relevante nos preparativos, especialmente nos entrudos novos: as mulheres ajudavam ou confeccionavam diretamente os trajes e vestimentas e colaboravam na preparação dos carros.

“Xuntábanse todos nunha casa, xuntábanse, xuntábase a xente toda nunha casa nos invernos que é noite moi cedo. Entón xuntábanse, cosían e así durante a noite, un pouco a mellor ata as once ou ata as doce. Todas as señoras do pueblo que podían”

M^a Isabel Veloso, Entrimo [EN-25-LO-001]

“Que axudábannos as mulleres casadas porque, porque era moito traballo para facer o carro, porque as damas íamos no carro, un carro de bois que adornabámolo con mimosas amarillas, pero despois levaba claveles rojos e blancos, moi bonito cuns arcos por arriba. O carro moi bonito, e as damas íamos no carro, e os soldados ían nunhas burras”

Argentina González, Lobios [EN-25-LO-003]

Nestes preparativos era habitual que entrassem em cena as redes familiares e de amizade: por vezes os vestidos eram pedidos emprestados, por falta deles ou para evitar ser reconhecidos. Adornos e joias entravam no circuito de empréstimos, e carros e bois eram cedidos por algum vizinho.

“Non había as cousas como hai agora. Os sombreiros, os chapeus como lle chamábamos nós, había que xuntalos pola parroquia. Toda a roupa había que pedila porque non a había, entón entre a parroquia toda, entre os pueblos, xuntábase a roupa para vestirse”

Rosa Pérez, Lobios [EN-25-LO-001]

“Ían as mulleres que tiñan amistades no pueblo que se chama Pitões [...] se tiñan amistades alí ou iso, que tiñan xoias, tiñan cousas, ían e deixábanllas prestadas, claro [...] Aquelas eran unhas señoritas [...] ían máis arregladas e a roupa ata abaixo”.

Rosa Álvarez e Celso Rodríguez, Muíños [EN-25-MU-003]

RAPAZES

Por sua vez, os rapazes mais pequenos também não estavam excluídos da festa, ainda que, em geral, com um papel secundário: acompanhando, perseguindo ou cumprindo as ordens que os rapazes mais velhos lhes davam.

“Claro, sobre todo nese tempo, os días xa son pequenos, entón salíamos e íbamos dun lado a outro, me cago en diez!, había veces que chegabamos cansados, pero cansados, date conta salir todo a pé. E despois levabamos rapaciños máis pequenos, había ás veces que traelos ás costas”.

Manuel Salgado, Bande [EN-25-BA-001]

Porém, a sua participação não se reduzia a um papel subordinado: podiam ter um papel ativo em certos atos, como o de pedir pelas casas acompanhando os entrudos novos, como acontecia em Feás, no concelho de Calvos de Randín:

“Os pequenos ían vestidos de gitanillos, facendo de gitanillos. Entonces, cando ían ao mellor as chavalitas, levaban unha cestiña, ían polas portas e dábanlle unha linguiza ou un chourizo... o que fora”.

Miguel Valencia, Calvos de Randín, [EN-25-CR-002]

Também podiam ser protagonistas de alguns jogos infantis, como a variante da corrida do galo em que este animal era perseguido pelos rapazes com o objetivo de o apanhar e oferecê-lo à professora da aldeia. Assim era recordado em Vilameá::

“O galo comprábano os chicos da escuela, ían comprar un galo que fora bo, ode houbera un galo que fora bo, que se vendera na parroquia, íbano comprar para regalarlle á mestra por carnaval. Entonces despois, antes de lle dar á maestra íban... correr na veiga... soltábano e andaban detrás del e despois ían os do saco do outro pueblo a correr detrás dos rapaces [...]. Despois levábanllo á maestra, xa llo levaban cansado”.

Palmira Costas, Lobios [EN-25-LO-002]

A organização

Marcado pela espontaneidade, o entrudo exigia um certo grau de organização, da qual se encarregava o grupo informal de rapazes e raparigas que corriam o entrudo, juntamente com alguns adultos — aqueles mais envolvidos ou experientes — que assumiam diferentes responsabilidades segundo os costumes de cada lugar. Estas podiam ir desde contratar um grupo de gaiteiros, solicitar um palheiro ou uma corte para celebrar a festa e o baile em caso de mau tempo, combinar com os entrudos de outras aldeias os dias de visita para evitar coincidências, até organizar a própria comitiva, entre outras tarefas.

“... todo o mundo obedecia ao que tinha que, ao que tinha que obedecer... [...] o que ia ao mando daquelo”; “Un home calquera do pobo, o que máis fora ou máis... sempre hai quen sabe máis ca outros, non? [...] pois era a xente que facía esas cousas máis”; “Dicía iste e aquil poden facer isto e aquilo. Iste que sexa o médico, aquil que sexa aquel, que sexa o cura, aquel que sexa o dentista, e así, e era como se faía”; “Era unha persoa de mais de edad porque sabía máis as cousas antigas e sabía máis cousas e era o que organizaba”.

Manolo López e Dolores Estévez, Bande [EN-25-BA-004]



Entrudos de Vilameá. Fotografía cedida pelos moradores. Anos 50/60

Os atos centrais

Diversos eram os rituais e atos festivos que estruturavam e faziam parte do entrudo tradicional, desenvolvidos pelo conjunto dos participantes ou por grupos entre eles.

Embora nem todos tivessem lugar em todas as localidades, ou sejam hoje lembrados, existia uma estrutura formal com um núcleo de manifestações que sim eram comuns.

A chegada do tempo de entrudo anunciava-se com a saída dos mascarados para percorrer as ruas da própria aldeia ou de outras vizinhas — correr o entrudo — durante as tardes e noites que antecediam os dias grandes. Vestidos, em geral, com roupas velhas e com o rosto tapado, faziam-se notar pelo som das chocas e chocalhos ou pelo ressoar dos cornos, batendo às portas, entrando nas casas e nos fiadeiros, e perseguindo ou incomodando aqueles com quem se cruzavam no seu deambular.

CORRER O ENTRUDO

“Pois eses días normalmente disfrazábanse pola noite, entón ían recorrendo o pueblo casa por casa. E meténdose coas rapazas e bueno, metendo, metendo medo digamos, que era por iso que che dicía, que cando viñan as campanillas e nós oíamos as campanillas...”

M^a Vitoria González, Calvos de Randín [EN-25-CR-001]

“Ía de casa en casa polas calles, íamos os rapaces todos atrás deles, ían disfrazados e nós todos detrás deles. Levaban un chocallo para fer... unha campá, un chocallo para fer ruído, e íamos polas calles, cantabamos cancións e tocabamos o chocallo, o chocal”

Rosa Barroso, Entrimo [EN-25-EN-001]

“Vestímonos unhas cuantas e despois íamos para a casa dos veciños coa cara tapada... correr o entroido”

Palmira Costas, Lobios [EN-25-LO-001]

O momento de maior intensidade costumava chegar nos días principais, o domingo e a terça-feira de entrudo, quando se formava uma comitiva que visitava outras aldeias próximas. A sua composição variava: podia ser integrada por diferentes mascarados e moradores, por vezes acompanhados de gaiteiros e acordeão, ou não, improvisando a música com objetos do quotidiano.

“Entonces íamos aos pobos, que era o máis bonito, íamos aos pobos e entón os... aqueles que non ían vestidos, pois ían acompañando... dez, quince, ou vinte, ou o que coincidía”.

Bernardo Sotelo, Calvos de Randín [EN-25-CR-005]

COMUNIDADE E LÍMITES

A entrada nas aldeias vizinhas requeria, por veces, a encenação de un confronto simbólico, por medio do qual se expresava a pertenza a uma comunidade e se reafirmavam os seus límites face a outra. Esta ritualización ocorria mediante expresións puramente verbais, cantos ou quadras, ou através de representacións nas quais se pedía permissão para entrar.

“Cando ían a ese pueblo, a Carpazás, que O Ribeiro e Garabelos, nada nada, aí cantaban todos e todos ben. Pero cando ían aí xa empezaban, se dicían cousas de... xa se rían de Vilar, entón os de Vilar ían picados e despois era cando, chamábanlle as cancións do entroido, se dicían: «aí vén o entroido deixaino pasar, que ven do Ribeiro e vai para Vilar»”; “de Carpazás chegaban aquí e entón dicían: «xa estamos en Vilar por ser o principal, se non foran estas calles sería a capital (risas)»”, “E así, botábanlle cancións uns aos outros. Si, a desafíos, cantaban a desafío”. “Viñan de Gharabelos e pasaban por Ribeiro, e viñan cantando «se o río levara viño ou augardente a xuventude do Ribeiro borracha andaría sempre »”.

Elvira Morgade e María Rodríguez, Bande [EN-25-BA-003]

“Había, había, si había cancións que facían, que botaban uns puebls aos outros”; “...en Cadós había moi bos cantores, [...] cantábanlle claro aos de Parada, botábanlle cancións aos de Parada para... para que se divertiran, pero... asoballando... pero a xente que estaba alí na festa díxolle: «O pandeiro toca toca e a cazola ruxe ruxe e os mociños de Cadós ten o color da ferruxe.»”.

Carmen Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-001]

“Antes de chegar ao pobo que se ía, pois iba... ao mellor vestían de Guardia Civil pedindo permiso ao pobo donde se iba, se deixaban entrar ou non deixaban entrar, así as cousas típicas de antes”.

Rogelio Galante, Calvos de Randín [EN-25-CR-002]

“Bueno, a mitad do pueblo, a metade competía coa outra metade”; “Formábanlle unha fronteira para que non puideran vir”; “non lles deixabamos vir, viñan por onde se ven co coche para aquí. E ao pasar o lavadeiro, que hai aí un pouco máis acá, alí montaban un posto de control de... (risas), dúas barracas, dous guardias vestidos e nós non deixabámoslos pasar... era a fronteira” “Despois comían, comíamos todos xuntos, entón xa se facían as paces co outro barrio”

Rosa Álvarez e Celso Rodríguez, Muíños [EN-25-MU-003]

As pequenas rivalidades que podiam existir nas relacións quotidianas entre aldeias vizinhas podiam também manifestar-se no entrudo — e resolver-se — através de outro tipo de disputas simbólicas. Para além das verbais, entoando quadras ou canções, os carros desempenhavam um papel relevante nesses confrontos, fazendo parte de competições informais nas quais, representando bairros ou aldeias, eram engalanados até ao paroxismo.

A rivalidade chegava, por vezes, ao extremo de serem roubados durante a noite, para evitar que pudessem sair e exhibir-se.

“Preparábamos o carro alí no patio dun veciño que tiñámolo que cerrar porque unha vez, no tempo de miña mamá, roubaranlle o carro”.

Argentina González, Lobios [EN-25-LO-003]

Estes roubos eram muito lembrados na freguesia da Illa, em Entrimo, chegando mesmo a ser cantadas canções que recordavam esses feitos:

Viva a flor da Illa
vivan os catro valentes
que lle roubaron o carro aos de Lantemil
que estaba gardado por toda a xente

Consoante os lugares, os costumes eram uns ou outros; porém, música e baile não podiam faltar. As transgressões e alterações da ordem eram habituais: sujar ou atormentar os presentes, importunar raparigas... Também o pedido de víveres ou moedas, com os quais posteriormente se celebrava uma refeição comunitária. Farsas e comédias protagonizadas por diferentes ofícios — dentistas, médicos, lavradores... — ou representações de partos e casamentos não podiam faltar no repertório.

Tanto as transgressões como as sátiras permitiam libertar tensões internas da comunidade, na qual o povo expressava, em chave festiva, aquilo que durante o ano nem sempre podia ser explicitado.

FARSAS E COMÉDIAS

“Había uns entroidos moi grandes e moi bonitos, moi bonitos!. Un iba de dentista e levaba un traxe e levaba unhas medias vellas de corbata e todos postos (risas), e despois, cunhas tenazas grandes, e iba outro e abríalle a boca ao dentista, entón pum!, e cando sacaba unha muela así dun can grande... (risas)”.

Elvira Morgade, Bande [EN-25-BA-003]

“Houbo un señor que se vestiu de muller preñada e meteu un gato dentro da, dentro da súa barriga.... chegaron aí a unha eira e rodeárono así toda a xente e deitouse na... deitouse no campo e un vestiuse de médico e outro de enfermeiro, entonces cando, cando collen e fanlle a operación como se fora unha cesárea, collen e ábrenlle o coxín e hala!, o gato por aí fóra... claro entón non sabían o que era, e aquilo bueno, a xente escapaba porque pensaron que era outra cousa”.

M^a Victoria González, Calvos de Randín [EN-25-CR-001]

MÁSCARAS

Entre as máscaras que saían a correr o entrudo ou faziam parte da comitiva havia, embora não em todos os lugares, dois tipos contrapostos: os velhos e os novos, também chamados antigos e novos, ou feios e bonitos.

Os primeiros, em geral, vestiam-se de forma improvisada com roupas velhas e o rosto tapado. Costumavam levar chocas ou chocalhos e paus, sendo habitualmente os encarregados de transgredir e gerar caos: importunar as pessoas, provocar raparigas, sujar com o trote, deitar água, fazer falcatruas e brincadeiras, lançar cinza, atirar estrume com os fumigadores...

Para além dos termos genéricos entrudos ou velhos, recebiam denominações diversas segundo os lugares: carantoño (em aldeias de Lobeira e Entrimo), farandulleiros (Entrimo), farrapeiros (Entrimo, Bande e Calvos de Randín), fargalleiros (Bande e Calvos de Randín), faralloteiros (em lugares de Bande) e esfarrapados (Muíños).

“Era vestirnos con roupas así vellas, e andar por aí polos pueblos visitando. Unha ía vestida coma un home e outra de mulleres así... con roupa vella, roupa da casa. Cunha media de cristal de seda ou cun cartón, facíanlle os ollos e a nariz e hala, puñámolo na cara, nos revestiámos”

Elvira Álvarez, Lobeira [EN-25-LO-002]

“Disfrazábanse as mulleres andaban co temoeiro e había que correr porque se non dábanche leña, pero non era unha cousa de que te acariciaba non ... normalmente eran mozas... a partir de aquilo foi desaparecendo a costumbre de mallar a xente porque había que escapar. Era unha cousa terrible... andaban polo pueblo correndo e collíante a ti e se non escapabas a tempo levabas”

Celso Rodríguez, Muíños [EN-25-MU-001]

“Botáballe o couso na lareira, sentábase na lareira, botábanlle augardente para facer lume, botábanlle o sal para facer... [faiscar], botábanlle auga ás veces para apagalo”,

Rosa Barroso, Entrimo [EN-25-EN-001]

“Os vellos viñan detrás, viñan coa máquina de sulfatar e traían cousas e daban... sulfataban, a xente escapaba toda, era para escapar, e outros viñan co trote, co trote de varrer o forno”.

Clementina Sousa, Lobios [EN-25-LO-004]

Entre o conxunto de mascarados podía haber, além das personaxes que representavam oficios, máscaras de animais indefinidos cobertos con diversas peles, que investiam ou fustigavam; outras reconhecíveis, como as vacas, con armações ou sem elas; os chamados ciganos; as figuras cobertas con as corozas; as velhas; ou os entroidos con marráns (corcundas), entre outras.

“Aquiles vestíanse cunhas pieles e viñan aquí catro ou cinco. Traían uns paus e dábanlle así...”

María Rodríguez, Bande [EN-25-BA-003]



Entrudos de Sarreaus. Cedida pela Assoc. Cultural Troteiros de Bande. Anos 80

“Viñan de aí de Garabelos, un pueblo indo para Bande, e traían a forma, dentro era un señor que se metía, unha vaca, cunhas campanillas e claro, a vaca, a cabeza da vaca, e na punta dos cornos púñanlle unhas bolas, non sabe, entónces nós para ir ao entroido, levabamos unhas saías apretadas pequenas para que non subisen por riba, pero metían así... levantaban así .

Rosa Pena, Muíños [EN-25-MU-001]

Juntamente com as máscaras comuns de velhos ou feios, saíam também outras com traços próprios que podiam ser exclusivas de certas aldeias ou freguesias.

Assim eram, por exemplo, recordados os carantoños em Senderiz (Lobeira) por Julio Alonso: vestidos com calças pretas ou castanhas, chancas ou sapatos pretos, casacos fortes ou sobretudos igualmente pretos, e nas mangas e ombros pendiam fitas de cores. Usavam um gorro redondo branco, aberto na parte superior e ajustado até à altura dos ombros, com olhos, nariz e boca recortados, e com os lados dos olhos e da boca pintados; ao qual se penduravam fitas de cores e ráfias.

Ao contrário das máscaras genéricas, estas desempenhavam também um papel de reforço da identidade da localidade.

“E había xente dos pueblos de aí, eu recordo, sendo eu nena, ese pueblo de Sarreaus, cruzaban por aí por un monte que chaman A Ladeiriña e ían cara a Seoane, Corvelle, pero ían vestidos de blanco, unhas sábanas blancas. No, no, [non tiñan nome] dicían, mira, mira onde van os de Sarreaus, van para Seoane, mira onde van os de...”.

M^a Carmen Codea, Bande, [EN-25-BA-002]

Por outro lado, os novos ou bonitos vestiam-se de forma elegante e uniforme, com roupa “nova” que exigia uma preparação mais cuidada. Saíam aos pares; havia trajes femininos e masculinos, com predomínio da cor branca, ambos enfeitados com adornos coloridos. Podiam levar máscaras e campainhas, montar a cavalo no caso dos masculinos e ir num carro no caso das femininas, ou ambos. Os bois costumavam ser enfeitados com laranjas espetadas nos cornos e os carros eram profusamente ornamentados com elementos vegetais.

Regra geral, desfilavam para se darem a ver na própria aldeia ou nas que visitavam, e a sua função era dançar e convidar ao baile.

Se entre os velhos era habitual que fossem vestidos desde a juventude até à idade adulta, os bonitos eram preferencialmente vestidos pelos rapazes e raparigas

solteiros. Eram conhecidos, consoante o lugar, como madamitos e madamitas, damas e galás, gigantes e damas (Entrimo, Calvos de Randín), señoritas e bonitos (Bande), señoritos e señoritas, galá e galana (Calvos de Randín), damas e soldados (Lobios).

Também, em Olelas, havia os entroidos novos que não desfilavam, integrando-se com os velhos e levando uma vara com a qual golpeavam para defender o anonimato.

“Nós vestímonos de señoritos. Iamos a Covas, despois viñamos por un pueblo que se chamaba Tósende e Meaus, e viñamos para eiquí, e alí faise unha festa grande [...] e nós levabamos unhas camisas arriba blancas cunhas enaguas postas, e elas cunhas faldas todas de enaguas ben feitas”.

Jesús Arrojo, Calvos de Randín [EN-25-CR-003]

“Había unha camisa, unha camisola branca, uns pantalóns ata a rodilla tamén blancos. [...] unhas polainas .. ca corbata e zapato e todo. ... había un ghorro, o gorro, alto de pico, e entónces unhas cintas polo corpo abaixo, todo cuberto daquelo, e despois unha correa, un cinto na cintura rodeado de campanillas”.

Bernardo Sotelo, Calvos de Randín [EN-25-CR-005]

“O carro adornado como máis podíamos, había que levar buxo, había que levar os estadullos dos grandes para facer o arco, e botábaselle uns paos por riba así de acacia e despois adornabámoslos con buxo, e despois iamos buscar claveles e íanselle espetando por un lado e por outro... os bois cunha laranxa na punta dos cornos. Iamos no carro e pasabamos por onda a xente, e iámoslle azanando cos pañuelos, dunha punta a outra do pueblo, ata o final de todo. Iba o carro andar, a cantar, e nós a azanarlle co pañuelo... e os soldados os tres diante cos cabalos...e os vellos, viñan detrás co trote e coa máquina de sulfatar”.

Clementina Sousa, Lobios [EN-25-LO-004]



Entrudos de Vilameá. Fotografías cedidas pelos moradores. Anos 50/60

FESTA E BAILE

Nos días assinalados en cada aldeia, a jornada terminava com a festa e o baile, muitas veces, sempre que possível, com a participación de músicos.

“Nesa eira. A festa grande do entroido en Parada era o luns de entroido. Despois en Senderiz o domingo, e en Vilaríño era o martes. Si eses días había festa nos pueblos”.

Carmen Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-001]

“Era unha festa, igual coma unha festa, xuntábase a xente toda, e o gaiteiro tocaba, e bailabamos, os vellos e os novos, era couso do pueblo, e viñan de fóra, de Compostela”.

Clementina Sousa, Lobios [EN-25-LO-004]

O MECO

O tempo de entrudo chegava formalmente ao seu fim en muitas das aldeias da zona com o traslado do meco. Era este um boneco de palha vestido com roupas velhas, elaborado pelos rapazes para ser transportado durante a noite para outras aldeias, pendurando-o em lugares altos, num jogo que durava até ao amanhecer, quando, com o despontar do día, começava a Quaresma.

“Cando se acababa o entroido, que era o último que había tal coma martes en Facós, acabábase o entroido, e entón aí era cando levaban o entroido aos outros sitios. Levaban, faían un muñeco de palla, e levábano e colghábano na entrada do pueblo... pero xa ían tarde para que non o viran, á mañá, cando se levantaban e alí o tiñan, diciánlle aí vós queda o entroido ata o ano que vén”

Elvira Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-002]

“E despois, cando se acababa o entroido, levaban e facían unha canción que dicía: «eiquí téndelo o entroido de Parada e vídeo a ver, se non o ides levar e habelo de manter», entón facían o entroido, ou tiñano feito, e ibano levar aos pueblos... a nós fórono levar varias veces, e eles tamén ibano levar a outros sitios”.

Carmen Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-001]

“O entroido o deixabamos [...] dun pueblo para outro, ao mellor nós levabamos alá, e cando tal, cago en diez!, estábamos ventilando... xa aí veñen!, xa veñen!, hai que dar volta por outro camino, e vámoslle levar alá outra vez”; “Andábamos todo á noite ao mellor dun lado para o outro, cargando dun lado para o outro, [...] Era o final do entroido, a noite de entroido”.

Manuel Salgado, Bande [EN-25-BA-001]

TESTAMENTO

Em Lobios, na sede do concelho e em algumas aldeias, o final da celebração durante o dia grande tinha, como um dos atos destacados, a leitura do testamento e das coplas. Especialmente na vila, onde a sua leitura era esperada com grande interesse e ouvida com atenção pela vizinhança.

Recitava-se diante da assistência, fazendo uma revisão burlesca dos acontecimentos ocorridos durante o ano e das pessoas do lugar ou, no caso da distribuição de um animal morto, entregando alegoricamente as diferentes partes aos moradores segundo as necessidades detectadas.

“Se che morría unha ovella, ou se che morría calquera animal, andábalo a esconder para que non se enterara porque se se enteraba facía o testamento sobre eso, despois repartía a carne para os veciños do animal morto”.

M^a Isabel Veloso, Lobios [EN-25-LO-001]

“Había que coller os animais que morrían desde o día un de enero hasta que empezaban os carnavais, esa fecha, calquera animal que morrera a nós valíanos. [...] A xente que lle morría unha galiña, que lle morría un porco, que lle morría algo, agachábano, no nos dicían, porque entón nós colliamos o porco desa familia e aí arreabamos estoupa en todo, en todo, todo, todo o pueblo, en todo o que caíra”; “Era algo de que tiña que ter chiste porque senón non valía para nada, e tiñas que tirar contra o cura ou contra alcaldesa ou contra, ou contra os concejales”.

Benito Álvarez, Lobios [EN-25-LO-005]

A comensalidade

O entrudo era também, em contraste com a Quaresma, um tempo de excesso gastronómico que girava em torno do porco, abatido pouco tempo antes nas casas. A comida era partilhada nos dias principais no seio do grupo doméstico, mas também entre o grupo mais ou menos alargado de celebrantes (rapazes e raparigas, vizinhança...). Com as viandas — fundamentalmente chouriços — obtidas durante as visitas das máscaras às casas e às aldeias, organizava-se um “refastel”, no qual se reforçavam os vínculos e laços em torno da comida.

“Ibamos polo pobo e ao tempo, claro, dábanche algo as veces dábanche un lacón, outro dábanche uns chourizos, bueno, e despois xa faciamos a comida pa o outro día, ou o día que ligaba, bueno, vamos tratar de facer o xantar do entroido, entonces pois preparabamos e despois a cantar e a bailar todos”.

Manuel Salgado, Bande [EN-25-BA-001]

O cozido, com cachucha, com lacón, couves, batatas e grelos, e o Pedro, constituíam os alimentos próprios desses dias, acompanhados por diversos doces dependendo do lugar: filloas, orelhas, roscão, bexiga, arroz no forno, arroz doce, chulas, bucho...

“Facíase cocido, e comíase a cacholiña a cachola de porco. Eu sempre recordo que sempre cando non había en abundancia, entón sempre guardaban a cachola para ese día”.

M^a Vitoria González, Calvos de Randín [EN-25-CR-001]

“Ah si, se comía diferente, facíase a cachucha, a comida facíase diferente. Comíamos, por exemplo, a cachucha, faías un cocido e botábaslle a cachucha, chourizo, lacón de carne. E despois patatas e verzas”.

Rosa Barroso, Entrimo [EN-25-EN-001]

“Sí, ghardábase para o entroido, pero só se comía no entroido. A cachucha.... o estómago, agora díselles o Pedro ou Xoán do porco supoñamos, pero é o estómago. Pois, do porco ghardamos o mellor para o entroido. E con patatas secas e faíase o cocido, o caldo, con verza ghallega, o repolo era caro, as verzas, da ghalegha, ca cabeza, entonces cocíase o estómago que se enchía daquela masa dos chourizos e con patatas en cachelos [...] botábaselle o mellor de porco”

Rosa Pena, Muíños [EN-25-MU-001]

Uma festa (viva) em transformação

Tratava-se, pois, o entrudo, de um tempo organizado com dias marcados por atos concretos, que tinham lugar em espaços próprios, protagonizados por rapazes e raparigas, mas não exclusivamente, participando toda a comunidade. Um tempo em que os grupos de máscaras tomavam as ruas correndo pelas aldeias, dançando espontaneamente ou dançando de forma pautada, importunando as raparigas, fazendo falcatruas nas casas, convivendo nos fiadeiros ou na festa, cantando, protagonizando disputas simuladas, troçando dos vizinhos ou do sucedido durante o ano nas aldeias, pedindo viandas para as comer comunitariamente e transportando bonecos de uma aldeia para outra, quando se punha fim a esse ciclo festivo marcado pelo excesso gastronómico, a permissividade, o ruído e as gargalhadas, para dar início a outro, o da Quaresma, de rigor, contenção, silêncio e jejum. Momento em que a ordem social habitual, temporariamente alterada, se restabelecia, deixando para trás o tempo em que fora questionada.

Com o avanço do século XX, estas celebrações foram esmorecendo; às proibições da ditadura, menos eficazes no mundo rural, somou-se a sangria da emigração, que acabou por silenciar as ruas. Assim de eloquente se expressaram aqueles e aquelas que o viveram:

“Se había sete nunha casa, os sete emigraban se servían para emigrar, entonces, ao emigrar, o pueblo quedou sen xente. Entón acabouse a festa, e acabouse todo. A emigración deunos cartos, pero quitóunola alegría”.

Carmen Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-001]

Foi pouco a pouco desaparecendo porque a xente foi emigrando, aquí houbo un cambio, fixeron unhas repoboacións forestais moi grandes, a xente perdeu, non podía ter ganadería porque ocupáranlle o monte e entonces emigrrou, empezou a emigrar para Francia para Alemania para tal. E foi indo abaixo ata que desapareceu practicamente”

Celso Diz, Muíños [EN-25-MU-002]

Com o passar do tempo, alguns atos estavam já relegados à memória, mesmo nos lugares onde em algum momento tinham ocorrido. Especialmente aqueles em que entravam em jogo animais.

A corrida do galo, para além da sua versão como jogo infantil — que sobreviveu até bem avançado o século XX na freguesia de Riocaldo, em Lobios — conheceu também outras versões em que o galo era morto para depois ser cozinhado numa refeição comunitária.

“O domingo corredoiro, que eran oito días antes do entroido. Aí en Carpazás, naquel monte, había de cada lado un amieiro grande, pero eu diso, xa case acórdome pouco porque non nos deixaban ir ver, ataban un sedenho dun alto e colgaban un galo, e despois corrían coas bestas, viñan de moitos sitios, e corrían coas bestas, e un estaba dun lado, tiraba polo sedenho, e outro doutro, e eles para lle dar cunha poda ao ghalo”; morto o galo “onde había unha taberna, pois ían a comer, facíano con arroz e o comíano”.

Elvira Álvarez, Lobeira [EN-25-LB-002]

Também não eram desconhecidas as corridas de cavalos em Lobios e Lobeira. Assim o recordava Julio Alonso por volta de 1938: corridas que decorriam entre os Chaos e a Forxa, nas quais também participavam mulheres — ou, pelo menos, no ano em que a sua avó paterna venceu, recebendo a animosidade dos homens, que raparam a crina e o rabo da sua égua em vingança. Estas corridas tinham já sido registadas em Lobeira pelo ilustre etnógrafo e morador Xaquín Lorenzo.

Com o avançar das décadas, a festa foi perdendo força nas aldeias, ficando relegada em muitas delas à refeição familiar. Paralelamente, a celebração deslocou-se para o âmbito urbano, pela mão das administrações locais, que promoveram e organizaram desfiles e concursos nos dias principais após o fim da Ditadura, quando a sua celebração voltou a ser oficialmente permitida.

Nos primeiros compassos destes novos entrudos, desempenharam um papel central os carros provenientes das diferentes freguesias que, elaborados coletivamente e com entusiasmo, convergiam na vila numa reafirmação da identidade municipal.

“Mais despois, despois viñemos a participar aquí en Entrimo, teño aí fotos, era o concurso de tractores. [...] Era un desfile de todos os pobos”.

Rosa Barroso, Entrimo [EN-25-EN-001]

Com o passar do tempo, os carros deram lugar aos carros alegóricos, comparsas e charangas que hoje desfilam pelas ruas principais e que, juntamente com os festejos organizados pelo município — desde concursos com prémios para os melhores disfarces até refeições comunitárias — constituem atualmente o centro da celebração urbana do entrudo.

Nos últimos anos, porém, a esta celebração juntou-se a recuperação dos antigos entrudos rurais promovidos por colectivos de moradores, voltando estes a fazer parte da vida comunitária.



Glossário mínimo dos entrudos rurais

Choca

Instrumento de metal que se pendura ao pescoço do gado; conforme o seu tamanho e material recebe os nomes de chocalho ou campainha.

Chulas

Torta elaborada com farinha, ovos e leite, frita na frigideira, à qual se pode acrescentar açúcar e outros ingredientes.

Eira

Espaço próximo às casas, de terra firme ou empedrado, onde se realizavam coletivamente diversas tarefas agrícolas, como a debulha dos cereais ou a secagem de legumes.

Fiadeiro

Dependência da casa temporariamente habilitada para fiar, sendo um espaço eminentemente feminino. Por extensão, chamava-se fiadeiro à reunião em que as raparigas fiavam e que terminava com cantos e bailes, e à qual acorriam os rapazes.

Meco

Boneco ou pelele, que recebe diferentes nomes consoante o lugar. Figura humana feita de palha e outros materiais vegetais, podendo representar um homem — o Entrudo — ou uma mulher — a Quaresma.

Faldrear

Ação própria de algumas máscaras, que consiste em levantar a saia às raparigas.

Pedro

Enchido feito com a extremidade da tripa de maior tamanho.

Revestirse

Fórmula utilizada em diferentes lugares dos concelhos de Bande e Entrimo para referir o ato de vestir-se de entrudo ou mascarar-se.

Temoeiro

Correia, geralmente de couro, que une o jugo ao carro.

Testamento

Textos de carácter burlesco compostos em segredo para serem recitados num espaço público diante da assistência. Os autores eram pessoas engenhosas ou com melhores dotes para este tipo de composição literária popular.

Trote

Pau com um pano enrolado numa das extremidades, utilizado para limpar o forno.

Vexiga ou bucho

Doce típico do entrudo nalguns lugares, elaborado com pão duro, ovos e leite, em que se utilizava a bexiga como molde.

Os entrudos na raia seca Gerês–Xurés

Entre a continuidade e a reinvenção

Desde finais do século XX iniciou-se um processo de recuperação dos entrudos rurais tradicionais em diferentes concelhos. Embora a casuística concreta seja diversa, de forma geral estes trabalhos foram liderados pela juventude local e por outros agentes sociais, que em determinado momento decidiram voltar a pôr em circulação práticas festivas que haviam marcado a vida comunitária até meados do século passado. Hoje, esse trabalho continua, após o impulso inicial, pela mão dos grupos informais de participantes e das associações de mulheres, com apoio, em grau variável, das administrações locais.

A partir de um trabalho inicial de investigação na memória local e na documentação conservada, os entrudos rurais voltam actualmente a fazer parte da vida cultural de muitas freguesias e aldeias da Reserva.

Este processo assumiu, em cada caso, formas distintas: desde a reconstrução de práticas e máscaras que tinham desaparecido há poucas décadas, até à sua reinterpretação contemporânea, incluindo diferentes inovações. Em ambos os casos, adaptando-se à nova realidade socio-laboral e demográfica, num diálogo contínuo entre o passado recente e o presente.

Estes entrudos participam hoje, em medida variável, nas celebrações de carácter mais “urbano” que têm lugar nas sedes municipais, onde se integram desfiles, concursos e programas culturais e festivos mais amplos. Mas, ao mesmo tempo, recuperaram também a sua presença autónoma nas aldeias, percorrendo novamente ruas e caminhos, e voltando a abrir as portas das casas.

Nas páginas seguintes descrevem-se os entrudos rurais tal como hoje, no ano de 2025, se celebram em diferentes lugares da Reserva, de ambos os lados da raia. Cada ficha constitui uma instantânea de um processo vivo: uma imagem do presente de um entrudo que continua a mudar nas suas formas, adaptando-se à nova realidade em que se inscreve e aos novos sentidos que os seus portadores lhe atribuem.

O Entrudo de Bande

Principais datas de celebração*:

- Sábado anterior ao domingo corredeiro.
- Domingo de entrudo.
- Segunda-feira feia.
- Terça-feira de entrudo.

*As datas foram mudando nos últimos anos, adaptando-se ao contexto socio-laboral dos participantes e dos moradores.

Concelho: Bande

Âmbito: Municipal



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

Em Bande, a celebração começa no fim de semana anterior aos dias grandes, prolongando-se até à Quarta-feira de Cinzas, quando o enterro da sardinha encerra o tempo de entrudo. No entanto, segundo o etnógrafo e historiador Bouza Brey, antigamente os entrudos já começavam a sair desde o Dia de Reis.

O som dos chocalhos que o grupo de troteiros transporta anuncia a chegada do entrudo. No primeiro dia percorrem as aldeias do concelho desde a primeira hora da manhã até ao fim da tarde, deslocando-se entre as freguesias de autocarro para ultrapassar as distâncias.

A sua chegada é normalmente anunciada pelo lançamento de foguetes. O estrondo provocado pelo trotar dos mascarados acaba por quebrar a tranquilidade das ruas e despertar as aldeias do seu letargo. A comitiva faz uma paragem no interior de uma casa ou num espaço comunitário — praça, adro ou centro social. Acompanhados por uma banda de música composta por acordeão, gaitas e bombo, dançam e cantam com os moradores ao som da música, fazem brincadeiras, comem, bebem e dão vivas ou chocalhadas. Pessoas e propriedades podem ser alvo de alguma travessura durante o percurso pelas ruas.

Nos dias grandes de entrudo, a celebração desloca-se para o centro da vila de Bande. A comitiva de troteiros e troteiras, juntamente com a banda de música, irrompe nas ruas principais e praças adjacentes, importunando a vizinhança e os espectadores, e aproveitando para entrar em bares e estabelecimentos. Já à tarde, tem lugar o desfile e os festejos organizados pela administração municipal.



Nos últimos anos começou a celebrar-se o chamado luns feo, na véspera da terça-feira de entrudo, agregando outras figuras e práticas próprias do entrudo tradicional.

O cortejo é formado por diferentes mascarados, os feos, que percorrem a pé a distância que separa duas aldeias, levando consigo, num carro, o boneco do entrudo. Durante o percurso, algumas das máscaras troçam, investem ou sujam com cinza moradores e visitantes. Aproveita-se também para dançar e beber. Chegados ao destino, tem lugar, num espaço público, o baile, acompanhado pela comida e bebida oferecida pela vizinhança. A jornada prolonga-se até ao anoitecer com a pendura do boneco, o qual poderá ser levado sub-repticiamente de volta ao seu lugar de origem. Esta disputa entre aldeias marcava tradicionalmente o final do tempo de entrudo.

Hoje, esse final chega com o enterro da sardinha na noite da Quarta-feira de Cinzas, quando essa figura de palha, repleta de petardos e carregada por homens, percorre as ruas principais da vila de Bande desde a igreja até à praça da vila, onde é queimada na fogueira. É acompanhada por um cortejo de viúvas choradeiras e capuchões vestidos de branco. Também, anos atrás, seguia na comitiva um homem com um balde de brasas para defumar, entrando em bares e casas.

Personagens principais e papéis

Troteiro

Trata-se da figura mais característica do entrudo de Bande, embora nos últimos anos partilhe protagonismo com os chamados feos.

Veste de branco — calças e camisa — com fitas de cores, perneiras e um cinto com chocas, chocalhos ou campainhas na parte traseira da cintura. Trazem uma pequena capa ou tapete de croché e um véu do mesmo material com o qual tapam o rosto. Levam um pau e um gorro adornado com postais nos lados, um pedaço de espelho na parte frontal e reberetas na aba. A sua recuperação definitiva ocorreu por volta dos anos dois mil.

A sua forma de vestir deriva da homogeneização da indumentária de figuras presentes em diferentes aldeias.



Antigamente, o troteiro era uma máscara fustigadora: transportava um temoeiro, gozava de imunidade e tinha a autoridade de faldrear as raparigas, isto é, levantar-lhes as saias. A sua indumentária era diferente da do troteiro atual. Assim descrevia Bouza Brey a figura no início do século XX:

“Non visten especial indumento, senón que se envolven en colcha ou sábana, levan carantoña confeccionada na casa, de cartón, pol-o gèral e cinto con chocas, ou campaiñas todo en rredor.

Noutra passagem fala de outras das suas prerrogativas e ações próprias da máscara:

"Baten á gente cun timoeiro de carro feito de corras vegetaes penetrando nas casas en persecución dos moradaroos. “...ista máscara pode facer o que se chama faldrear [...] ; O troteiro é invulnerabel sempre que non se aparte do seu modo ancestral de ser!”

Feos

Chamam-se assim a um conjunto de máscaras diversas que saíam em diferentes aldeias do concelho e que foram recuperadas recentemente. Hoje, entre elas, encontram-se as que vestem roupas velhas e escuras, as que usam corozas e pelicas de animal trazendo chocalhos, e outras que representam velhinhas. Algumas destas figuras lançam borranha ou cinza àqueles que não se vestem de acordo com o entrudo. E entre elas destaca-se a figura do carneiro, coberta de pelicas e com cornos com os quais investe contra as pessoas.



Outros elementos

Boneco de entrudo

Trata-se de um boneco de palha vestido com roupas velhas de homem que simboliza o entrudo. É protagonista de uma brincadeira que consiste em levá-lo de uma aldeia para outra e aí pendurá-lo num lugar alto. Tradicionalmente, esta disputa tinha lugar na noite de terça-feira. A aldeia que, ao despontar o dia — quando o entrudo terminava — ficava com ele sentia-o como uma afronta, vendo-se na obrigação de o “manter” durante todo o ano, em contraste com a sensação de triunfo da outra.

Os encarregados de elaborar o entrudo e de o transportar de um lugar para outro durante toda a noite eram os rapazes das diferentes aldeias em confronto.

Banda de música

Acompanham o grupo de mascarados, tanto os troteiros como os feos, animando as diversas paragens ou o percurso. São vários integrantes, principalmente gaitas, acordeão e percussão.

Convites

Nas paragens que fazem as máscaras, são convidadas pelos moradores que as recebem com comida e bebida. Entre as coisas que se oferecem destacam-se alguns dos doces típicos destas datas, como as orelhas e a bica, bem como enchidos e outros produtos locais, como licores.



Transformações e permanências

O entrudo tradicional das aldeias e freguesias de Bande foi-se esmorecendo nas décadas centrais do século XX até o seu desaparecimento, subsistindo apenas a celebração que tinha lugar na sede do concelho, com um carácter mais “vilego” e organizada pela administração municipal. Do mesmo modo, as figuras tradicionais do troteiro e de outros mascarados acabaram por desaparecer ou por perder o seu papel tradicional.

Após um período de letargia de várias décadas, na viragem do século, a partir de um trabalho de investigação impulsionado pela juventude, começaram a recuperar-se elementos do entrudo rural, adaptado à nova realidade do concelho, marcada pelo despovoamento, pelo envelhecimento e pela concentração populacional na sede municipal.

A recuperação passou, em grande medida, a girar em torno da figura do troteiro, que adquiriu protagonismo e centralidade nesta nova etapa, mantendo, ainda que com uma indumentária diferente, as prerrogativas de outrora.

A esta máscara já consolidada juntou-se, mais recentemente, a recuperação de outras que faziam parte dos antigos entrudos tradicionais, bem como de outras práticas e elementos, como o boneco de entrudo.

Entre as muitas transformações importa salientar a que diz respeito à dimensão territorial do entrudo, que passou de ter um carácter aldeão ou paroquial a ser municipal. Antigamente, cada aldeia tinha a sua celebração e as pessoas que se “revestiam” — tal como ainda hoje é designado — visitavam mutuamente as aldeias vizinhas, combinando previamente o dia em que cada uma o faria.

Hoje, o entrudo tem a capacidade de reativar as aldeias e de conectar e reforçar os vínculos a nível municipal.



O Entrudo de Entrimo

Outros nomes

Madamitas e galáns, damas e gigantes

Concelho: Entrimo

Âmbito: Local/municipal

Freguesia / lugar*: S. Maria
a Real de Entrimo / A Terrachá

Principais datas de celebração*:

- Domingo de entrudo
- Quarta-feira de cinzas

*Antigamente, o cortejo dos madamitas e madamitos saía ao sábado; no entanto, atualmente passou a realizar-se no domingo de Entrudo..

*A celebração principal tem lugar na Terrachã, embora todos os anos uma localidade do concelho receba a visita dos entrudos.



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

A celebração começa nos dias anteriores, marcada por dois atos. Na quinta-feira das comadres, juntam-se mulheres e homens — estes obrigatoriamente disfarçados de mulheres — para um jantar e baile. Colocam-se também, em diferentes pontos do concelho, bonecos de palha que não só anunciam a iminente chegada do entrudo, mas que, nalguns casos, colocados em locais estratégicos da vila, assumem um tom crítico e social, com cartazes reivindicativos alusivos a problemas atuais, como a habitação ou a escassez de transporte público.

No domingo de Entrudo, as madamitas e madamitos percorrem de forma solene a rua principal da Terrachã. O cortejo é formado por pares de mascarados que caminham uns atrás dos outros, numa longa fila precedida por dois gaiteiros e dois tambores. Antigamente, era um único gaiteiro, vestido de preto e com o rosto tismado, quem marcava o passo. O tinnido das campainhas produzidas pelo caminhar dos madamitos acompanha, em fundo, o som da música. Movendo-se entre o cortejo de forma errática, as farandulheiras levantam as saias das madamitas e lançam cinza aos mascarados e ao público presente.

O cortejo de Entrudo realiza duas paragens. Partindo das imediações do recinto da feira, dirige-se à residência de idosos situada num dos extremos da vila, para depois refazer o caminho e deslocar-se ao extremo oposto, onde se encontra a outra residência. No interior, dança-se ao som da música da banda.

Finalizado o passarruas, o cortejo dirige-se a uma das aldeias do concelho — que varia todos os anos — onde se realiza um convívio com os moradores num espaço comunitário. Baile e música acompanham a comida e a bebida com que a comitiva é recebida para encerrar o dia. Licores, orelhas, bicas, arroz no forno, roscões e empadas em abundância, entre outros alimentos, são partilhados entre os presentes.

Na tarde da Quarta-feira de Cinzas, o tempo do entrudo chega ao seu fim com um cortejo fúnebre e a queima do meco no recinto da feira da Terrachã.



Personagens principais e papéis

Madamitas e madamitos

Trata-se da máscara característica deste entrudo. Homem e mulher vestem de forma diferente.

O **traje masculino** inclui anáguas e camisa branca, meias de renda e alpercatas de esparto, uma capa curta vermelha, faixa com chocalhos ou campainhas, luvas, gravata e o rosto coberto por uma máscara branca de cartão com bigode, além de um chapéu cônico preto com bandas vermelhas e fitas coloridas pendentes da ponta. Leva um pau ou vara.

O **traje feminino** compõe-se de uma saia com rendilhado, camisa branca e um lenço vermelho cruzado sobre os ombros, leque, luvas e uma pequena bolsa de senhora; na cabeça, um chapéu de palha adornado com fitas de cores, juntamente com uma máscara e um véu para cobrir o rosto.

Assim descrevia a sua atitude e indumentária, com detalhe, o intelectual e escritor Vicente Risco, em meados do século XX:

“Hay otras máscaras finas, vestidas con sentido estético y con pretensiones de rumbo y elegancia [...] En Entrimo (Bande, Ourense) [sic] van vestidos con unos pantalones de mujer que llegan desde la rodilla hasta el medio de la canilla; después se ponen un gorro de cartón muy alto adornado con cintas de papel de varios colores, a los que van de este manera vestidos les llama damas y gigantes; los primeros llevan cubriendo la cara un velo, y los segundos, una careta de cartón con un bigote que le llega hasta las orejas...”



Farandulleiro

Esta figura veste roupa velha e escura, como se fosse uma mulher de idade avançada. Leva um cesto com cinza, com a qual suja as pessoas, e um pau com o qual faldreia as madamitas. Tem um papel transgressor e provocador, dedicando-se a fazer tropelias e a incomodar os presentes.

Também Vicente Risco faz referência a estas máscaras, concretamente à sua atitude e comportamento:

“...existe en todas partes la máscara zarrapastrosa, vestida con ropa vieja, sucia y harapienta. [...] Son llamados [...] farandulleiros (Entrimo)” e continúa “son los encargados de las bromas pesadas, de los feo, sucio... Los farandulleiros de Entrimo llevan a veces cagarros de ovejas, persiguen a las máscaras bien vestidas para ensuciarlas y pretenden levantar la falda a las mozas”



Outros elementos

Comadres

Na quinta-feira da semana anterior ao Entrudo realiza-se um jantar e baile num espaço da Terrachã, onde se juntam mulheres e homens disfarçados de mulher.

Convite

Durante a visita que o cortejo de Entrudo faz a uma das aldeias do concelho, este reúne-se com os moradores à volta da mesa, partilhando comida e bebida, com destaque para os pratos e doces locais típicos do Entrudo.

Mecos

São bonecos de palha vestidos com roupa velha que se colocam e penduram em diferentes pontos do concelho.

Recentemente, para assinalar o final do tempo de Entrudo, incorporou-se a queima de um destes bonecos na Quarta-feira de Cinzas.

Gaiteiros

Grupo formado por vários integrantes que abre o cortejo das madamitas e madamitos.

Transformações e permanências

Com o avanço do século XX, fatores como a emigração e o envelhecimento da população acabaram por dar a estocada final às celebrações dos entrudos rurais que se realizavam tradicionalmente nas diferentes aldeias de Entrimo, ficando relegadas ao domínio da memória.

Durante algum tempo manteve-se apenas o entrudo “vilego”, celebrado na sede do concelho, para onde acorriam carros profusamente engalanados, vindos de diferentes localidades, para desfilar e competir. Porém, também este não resistiu ao embate do tempo.

O entrudo atual resulta do processo de recuperação levado a cabo há algumas décadas a partir do associativismo local. Após um profundo trabalho de documentação, as madamitas e madamitos voltaram a sair às ruas de Entrimo, acompanhados pelos farandulheiros, que constituem atualmente os elementos mais característicos do entrudo local.

Máscaras semelhantes de novos e velhos faziam, no passado recente, a sua aparição noutras aldeias do concelho. Na memória perduram ainda, com viveza, os desfiles de carros engalanados em diversas aldeias da freguesia da Illa, onde seguiam as damas e os galáns, montados a cavalo.



O Entrudo de Lobios

Concello: Lobios

Ámbito: Municipal

Principais datas de celebración:

- Domingo de entrudo
- Terça-feira de entrudo.



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

A associação cultural Os Follateiros realiza, antes do início do Entrudo, oficinas para a elaboração dos trajes e máscaras do follateiro. Para obter a matéria-prima principal — o follato — semeiam um terreno com milho de diferentes variedades, o que confere aos trajes tonalidades e cores distintas; colhem-no e selecionam as folhas e espigas que serão utilizadas na confecção da indumentária.

A celebração desenvolve-se fundamentalmente em torno dos dias grandes do Entrudo, embora, já nos dias prévios, tenha lugar a colocação do meco, em Lobios, e da meca, em Grou. Também em diferentes aldeias e lugares surgem outros bonecos de palha que anunciam a chegada do Entrudo.

O domingo e a terça-feira são os dias em que a comitiva de follateiros sai a correr o Entrudo pelas freguesias, deslocando-se a diferentes aldeias em cada um dos dias. Devido às grandes distâncias e à dispersão da população, o trajeto entre uns lugares e outros é feito de autocarro.

A passo ligeiro, fazem-se notar pelo som dos chocalhos durante o seu percurso até às casas, estabelecimentos ou espaços comunitários (eiras, adros, praças...), onde se reúnem com a população local. Nesses lugares canta-se e dança-se ao som da pandeireta e, ao finalizar, batem e percutem o chão com os paus que levam, agitando os chocalhos e lançando vivas. Quem os recebe oferece-lhes comida e bebida: filhoas, chouriço, bica e licores. A sequência repete-se de forma semelhante nas diferentes paragens.

Na terça-feira, depois de percorrerem as aldeias durante a manhã, o grupo de follateiras e follateiros regressa à sede do concelho, onde, à tarde, decorre o desfile organizado pela câmara municipal. Nele integram-se tanto estes — que o abrem — como os dançarinos de Vilameá — que o encerram. Partindo de um extremo da vila, onde se encontra a residência de idosos, que é visitada, percorre-se a rua principal de Lobios até à Praça Roxa, onde têm lugar os festejos e o concurso de máscaras. O ato que encerra a jornada é a leitura do testamento, recentemente recuperado.



Personagens principais e papéis

Follateiro

É a máscara principal que atualmente caracteriza este Entrudo. Trata-se da reinterpretação de uma máscara de velho que, pelo menos, saía na freguesia de Grou, onde se utilizavam follatos de milho para remendar os rasgões da roupa velha que havia em casa. Podiam também levar um curucho de esparto na cabeça.

O traje atual é totalmente coberto com follatos de milho, que são fixados à roupa. O traje feminino pode incluir saia; outros trajes apresentam capa ou manto. A máscara é de cartão branco e encontra-se coberta e adornada com grãos de milho de diferentes cores e tonalidades, provenientes das até cinco variedades cultivadas. Levam um pau ao qual se acrescentam ramos de tojo numa das extremidades, e um cinto com chocalhos ou campainhas.



Outros elementos

Testamentos e coplas

Tradicionalmente, o testamento consistia na distribuição pública e alegórica das partes de um animal morto por diferentes vizinhos, em função das “necessidades” percebidas e com um propósito de brincadeira. Faziam-se também coplas satíricas dirigidas a membros da comunidade, normalmente figuras públicas e instituições, como políticos, padres ou a Guarda Civil.

Atualmente, esta manifestação foi recuperada sob a forma de coplas satíricas. Tem lugar na terça-feira de Entrudo, na Praça Roxa, ao término do desfile de Carnaval. Em Grou, também são recitadas no domingo de Entrudo.

Convites

Oferecidos pela população local, são vários os alimentos partilhados com os follateiros e com os presentes, especialmente doces como filhoas, orelhas e bica, bem como licores de ervas e de café.

Meco e meca

São bonecos de palha vestidos com roupa velha — um masculino e outro feminino — que são pendurados nos dias que antecedem o início do Entrudo em locais distintos. Ao longo desses dias, são levados a diferentes aldeias, para terminarem juntos, na terça-feira de Entrudo, na Praça Roxa.



Transformações e permanências

Do mesmo modo que a maioria dos entrudos da região, os do concelho de Lobios foram-se esmorecendo progressivamente ao longo da segunda metade do século XX devido à emigração e ao envelhecimento da população, até desaparecerem por completo, permanecendo apenas a celebração que tinha lugar na sede do concelho, com um carácter e dinâmica próprios em relação aos entrudos rurais que outrora se celebraram nas diferentes aldeias e freguesias.

Alguns exemplos dessas manifestações, que ainda permanecem na memória das pessoas que as viveram, são os chamados soldados da Costa, que tinham lugar nas aldeias de Ludeiros e Compostela, na freguesia de San Salvador de Manín. Jovens solteiras, vestidas de bonito, percorriam a aldeia num carro engalanado, precedidas por rapazes a cavalo, igualmente trajados com vestes elegantes. Esta comitiva era acompanhada por outros mascarados com roupas velhas, que incomodavam os assistentes, sujando-os com um trote ou com máquinas de sulfatar cheias de estrume. Um meco era levado à frente no carro.

Nas aldeias de San Paio de Araúxo recorda-se um traje no qual se destacava um chapéu elaborado com arcos ornamentados com ramos de oliveira, pedaços de vidro e o miolo dos juncos. Durante a festa, as moças que o usavam colocavam-no na cabeça dos rapazes com quem desejavam dançar; enquanto em Puxedo se recorda a máscara que fustigava com bexigas. Também até tempos recentes, as aldeias de Ganceiros e Xendive, na freguesia de San Salvador de Torno, enfrentavam-se numa disputa ritual, verbal e gestual, que tinha lugar no limite entre ambas.

Esta confrontação estendia-se igualmente à elaboração do melhor carro de Entrudo e, finalmente, na noite do último dia da festa, ao ato de levar e pendurar um boneco de palha — chamado burro ou entrudo — na aldeia vizinha, procurando não ficar com ele ao romper do dia.

Só recentemente se ativou um processo de recuperação de certos aspetos da celebração tradicional, que girou em torno da reinterpretação de uma máscara tradicional. Neste processo, o Entrudo ultrapassou o seu carácter local para adquirir uma dimensão municipal, conectando os diferentes lugares do concelho.



O Entrudo de Vilameá

Concelho: Lobios

Âmbito: Local

Freguesia / lugar:

Santa María de Riocaldo
/ Vilameá

Principais datas de celebração*:

- Sábado de entrudo

*Antigamente, a celebração do entrudo no lugar de Vilameá tinha lugar na terça-feira, mas atualmente, para facilitar a participação, foi transferida para o sábado.



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

Nos dias prévios ao sábado de entrudo ultimam-se os preparativos que começaram meses antes com os ensaios dos passos das danças. Prepara-se também o lugar onde estas vão ser realizadas. Pela primeira vez celebra-se num terreno vizinho à capela de Santa Luzia, à entrada da aldeia. Livre de restolhos, cravam-se ramos de mimosas em flor ao redor, formando um círculo com um corredor de acesso. No centro encontra-se fincado um pau metálico comprido, do qual pendem as fitas de cores que serão utilizadas em algumas das danças. São igualmente confeccionados os arcos florais que os dançantes irão transportar.

Na capela e nas ruas circundantes estão presentes bonecos de palha que anunciam a festa. Com o início da tarde, a música de verbena, tocada em alto volume, quebra o silêncio e anuncia o começo da celebração. Pouco a pouco reúnem-se no local moradores e dançantes, bem como dois mestres de cerimónias disfarçados.

A comitiva, guiada por um trator com música e seguida por pares de dançantes e moradores disfarçados e não disfarçados, percorre as ruas da Devesa e de Vilameá, até regressar à capela. No terreno próximo, os pares de dançantes — masculino e feminino — executam as danças. Em primeiro lugar, a chamada dança dos arcos, ao som da música tradicional, e em seguida a dança das fitas. Actualmente participam pares de adultos e rapazes, embora tradicionalmente o habitual fosse que participassem rapazes e raparigas jovens.

No final das danças, lançam-se foguetes anunciando a chegada dos chamados entroidos vellos. Irrompem entre as pessoas gerando alvoroço e confusão, lançando cinza e formigas sobre os dançantes e o público congregado, e golpeando com foles. Após várias passagens, retiram-se e têm lugar uma chocolatada popular, que põe fim à celebração.



Personagens principais e papéis

Dançantes ou novos

Trata-se de uma das figuras principais do entrudo de Vilameá; são os responsáveis por executar, em pares, as danças. O traje é vistoso e colorido, e difere entre o homem e a mulher.

O **traje feminino** tem como elemento principal a saia, confeccionada com as antigas colchas que eram reutilizadas nesses dias para elaborar o traje. Usam camisa branca com fitas de cores, um lenço cruzado sobre os ombros e chapéu de palha adornado com motivos florais.

Por sua vez, o **traje masculino** compõe-se de calças pretas com bandas verticais vermelhas, camisa branca com uma faixa cruzada e fitas de cores, faixa verde e lenço vermelho atado à cintura. Usa também um chapéu de palha adornado. As fitas e adornos atuais fazem as vezes dos elementos florais utilizados antigamente. Não tapam o rosto.

São duas as danças tradicionais que executam atualmente: a dança dos arcos e a dança do pau ou dança das fitas, esta última incorporada, segundo os informantes, nos anos 60. Anteriormente dançava-se ainda outra, conhecida como das palmas.





Entrudos velhos

São outras das máscaras características do entrudo. Vestem roupas velhas e escuras, vão com o rosto tapado e levam cinza, formigas e fuligem, que atiram às pessoas. Tradicionalmente, estas figuras corriam o entrudo percorrendo as ruas das aldeias ao anoitecer e podiam fazer a sua aparição já desde o São Brás.

Homem do fole

Trata-se de uma máscara fustigadora. Veste roupa velha e transporta um fol cheio de papéis, lã e outros elementos, que utiliza para golpear as pessoas. Antigamente participava na corrida do galo, tentando impedir que os rapazes o apanhassem.



Transformações e permanências

O entrudo de Vilameá celebrou-se até datas relativamente recentes, acabando por decair nas últimas décadas do século passado. A sua recuperação é recente, impulsionada pela vizinhança, a partir de oficinas de confecção de trajes.

Antes do seu esmorecimento, a meio do século passado, o entrudo celebrava-se em várias aldeias da freguesia de Santa Maria de Riocaldo, cada uma delas num dia concreto: Padrendo no domingo fraco, Bubaces no sábado de entrudo, na Devesa no domingo gordo, em Torneiros na segunda-feira e em Vilameá na terça-feira de entrudo.

Tanto na Devesa como em Vilameá, aldeias vizinhas, o espaço central da celebração tinha lugar num terreno chamado A Sanrela e na veiga próxima.

Alguns elementos recordados pela vizinhança, que compunham o núcleo da celebração, desapareceram, como a corrida do galo — na qual participava a rapaziada —, a leitura do testamento, as comédias e ofícios e a banda de música que animava a festa. Porém, muitos outros mantêm-se: os dançantes ou entrudos novos com as suas danças, e, mais recentemente, os entrudos velhos.

Apareceram também alguns elementos novos, como a elaboração de bonecos de palha utilizados para anunciar o entrudo.



O Entrudo de Muíños

Concelho: Muíños

Âmbito: Municipal

Principais datas de celebração:

- Sábado véspera do domingo corredeiro
- Sábado de entrudo



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

O entrudo começa em Muíños na véspera do domingo corredeiro, quando o grupo dos cabreiros, integrado por pessoas adultas e jovens, percorre as aldeias do concelho, deslocando-se entre elas de autocarro devido à sua dispersão. Há alguns anos, a jornada prolongava-se durante todo o dia, mas atualmente limita-se à tarde.

À sua chegada, o grupo de pessoas mascaradas percorre as ruas ao som da gaita e dos tambores que os próprios mascarados transportam. O tilintar emitido pelas campainhas do traje e o som dos chocalhos acompanham o passo dos cabreiros até às suas paragens, normalmente no rés-do-chão ou no pátio de uma casa, ou num local. No interior, come-se e bebe-se a comida partilhada pela vizinhança e dão-se vivas repetindo o cântico:

“Quen somos?!”, [ao que se responde a coro] “cabreiros!”... “de onde vimos?... de Muíños!”

O percurso pelas freguesias e aldeias termina ao final do dia na sede do concelho, onde a comitiva de cabreiros percorre a rua principal, entrando nos diferentes estabelecimentos e bares.

O último dia de celebração é o sábado de entrudo em Mugueimes. Durante a tarde tem lugar o desfile de comparsas e carros alegóricos organizado pelo município, no qual os cabreiros participam abrindo o cortejo. É habitual que o desfile visite o lar de idosos como parte do seu percurso.

A celebração do entrudo encerra-se com uma refeição oferecida pelo município, na qual se degustam produtos próprios desta época.



Personagens principais e papéis

Cabreiro

A figura do cabreiro imita, na sua indumentária, este animal. É composta por calças pretas e pernas brancas — as primeiras adornadas com passamanarias em vermelho e dourado, e as segundas em dourado —; camisa branca; colete vermelho com passamanaria em vermelho e dourado; e faixa. Usa uma capa preta com fitas e campainhas, um zurrão e pode levar um cinto com chocalhos. A cabeça é coberta com uma máscara que se assemelha à de uma cabra. Transporta um pau cujo extremo tem pendurado o que seria a cauda de uma raposa.

A figura tal como hoje é conhecida nasceu nos anos dois mil por iniciativa municipal, a partir das memórias recolhidas junto de moradores do lugar de Vilar de Cas, onde, segundo a tradição oral, saía durante o entrudo uma figura fustigadora coberta com pelicas de vitelo, trazendo uma cabeça de cabra com cornos, chocas e um pau rematado com um rabo de raposa com o qual golpeava os presentes.

Segundo as fontes, anunciavam a sua iminente chegada na madrugada do sábado de entrudo com o estrondo do bater das chocas, para depois fazerem a sua aparição no domingo. Os atos terminavam com um almoço colectivo.



Elementos relacionados

Convites

Durante as paragens que o grupo de mascarados faz nas casas dos moradores que os recebem, são convidados por estes a comer e a beber, sendo tudo partilhado por todos os ali reunidos.

Transformações e permanências

Os entrudos tradicionais do concelho de Muíños foram esmorecendo ao longo da segunda metade do século XX até à sua completa desaparecimento.

Décadas atrás era habitual ver correr o entrudo pelas aldeias mascarados vestidos com roupas velhas, as visitas aos fiadeiros onde se encontravam as raparigas para as faldrear, e os bailes de entrudo nas eiras. Era também lembrada a presença de máscaras fustigadoras incarnadas por mulheres em Mugueimes, bem como as disputas rituais entre os bairros de Maus de Salas, entre outras manifestações.

A partir dos anos dois mil, em linha com outros processos de recuperação de máscaras e entrudos rurais em concelhos vizinhos, recuperou-se, com apoio municipal, a figura do cabreiro, própria de Vilar de Cas, que passou a converter-se na imagem representativa e distintiva do entrudo de Muíños, ampliando o seu âmbito local de ação ao nível municipal e revitalizando uma celebração que estava perdida.



O Entrudo de Cabril

Concelho: Montalegre

Freguesia/ lugar: Cabril / Cabril

Âmbito: Paroquial

Principais datas de celebração:

- Terça-feira de entrudo



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

Em Cabril, os últimos preparativos da celebração começam na própria terça-feira de entrudo, com a preparação coletiva do carro e do boneco conhecido como Pai Fartura. No mesmo largo da festa onde se ultimam os detalhes, reúnem-se moradores e mascarados num ambiente festivo.

A partir desse lugar, o cortejo percorre, por estradas e carreiros, as cinco aldeias da freguesia. Abre-o o carro, puxado por um burro guiado por um homem trajado com roupas tradicionais, que transporta o Pai Fartura. Segue-o o grupo de concertinas e, atrás, os caretos. O som da música e dos chocalhos acompanha o cortejo, ao qual se vão juntando moradores disfarçados e não disfarçados.

Em cada aldeia, os mascarados dirigem-se a uma praça ou largo, onde se dança e canta ao som das concertinas. A vizinhança prepara alimentos — enchidos, filloas... — que coloca na rua ou no interior das casas, partilhando-os com a comitiva e os presentes. A dança e o canto acontecem também no centro de idosos da localidade, que é visitado pelo grupo de mascarados.

Ao cair da tarde, a comitiva regressa ao ponto de partida, no parque do Eiredo, onde a festa continua até à noite. Após um jantar comunitário com produtos próprios da época, o tempo de entrudo termina com a leitura do testamento do Pai Fartura e a sua queima.



Personagens principais e papéis

Caretos

Trata-se da máscara mais característica do entrudo de Cabril. Vestem trapos velhos, sacos ou farrapos, cobrem a cabeça com panos e o rosto com máscaras de cortiça, couro, madeira e outros elementos vegetais, que também são usados como adornos. Antigamente era habitual que usassem rendas para ocultar o rosto. Transportam paus e alguns deles levam igualmente um colar de chocalhos ou campainhas.



Outros elementos

Pai fartura

Sobre uma armação de madeira, o seu corpo é elaborado com diferentes elementos vegetais — ramos de mimosas, outros arbustos e palha seca. Um cepo oco de madeira é utilizado para a cabeça. Adorna-se com um colar de maçarocas de milho e outros objetos. Representação do entrudo, é queimado para pôr fim ao período festivo.

Testamento

Antes da queima do Pai Fartura, procede-se à leitura do seu testamento, no qual dá conta das suas andanças e falcatuas.

Concertinas

Fazem parte do cortejo de entrudo, sendo responsáveis pela música durante o percurso e nas paragens onde se dança e canta.

Convites

A vizinhança abre as suas casas para convidar os mascarados a beber e comer. Os alimentos são também partilhados e colocados na rua ou nos largos.



Transformações e permanências

Atualmente, a celebração do entrudo ficou reduzida a um único dia, embora antigamente, segundo a memória local, se estendia por vários dias.

Manifestações hoje desaparecidas — de conflito ritual entre aldeias — ainda são recordadas: durante as noites levava-se o boneco de entrudo de uma aldeia para outra procurando não ser descoberto, enquanto a vizinhança tentava evitá-lo ou devolvê-lo caso não o conseguisse impedir. Hoje, essa reafirmação do território aldeão foi substituída pela celebração partilhada da freguesia.



O Entrudo de Outeiro

Concelho: Montalegre

Freguesia/ lugar: Outeiro/Outeiro

Âmbito: Local

Principais datas de celebração:

- Domingo de entrudo



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

Os preparativos que começaram dias antes com a confecção das vestimentas terminam na própria manhã de domingo de entrudo, com os últimos arranjos antes de sair.

Já à tarde, os folhateiros percorrem as ruas da localidade levando consigo o boneco de palha do entrudo, destinado a ser queimado no centro da aldeia. Fazem-se acompanhar de um gaiteiro e de um tambor. Juntamente com a música, o tilintar das campainhas e dos chocalhos que trazem vai ressoando pelas ruas.

O percurso do cortejo termina no largo da aldeia, onde o baile se prolonga ao som da música e de cantos populares, juntando-se concertinas e outros músicos. Avançada a tarde, atea-se fogo ao boneco de entrudo, que se consome entre lamentos e choradeiras.

Reduzido a cinzas, mascarados, moradores e visitantes partilham uma refeição comunitária com vinho, chouriços e doces, prolongando a festa até ao crepúsculo.

Personagens principais e papéis

Folhateiros

É a máscara característica do entrudo de Outeiro. Os trajes são confeccionados com os folhatos de milho, que se colam a diferentes peças de roupa. O traje feminino leva saia e o masculino calças. Tapam o rosto com uma máscara de cartão branco, adornada com grãos e pedaços de mazarocas de milho de diferentes cores. A matéria-prima obtém-se das próprias culturas locais de milho.

Semelhante à figura do entrudo de Lobios, trata-se de uma criação recente que reinterpreta a vestimenta dos farrapeiros de antigamente, elaborada com as roupas velhas que se encontravam em casa, as quais, durante o entrudo, eram remendadas com as folhas de milho.



Outros elementos

Boneco de entrudo

Figura humana de palha vestida com traje e follatos. O seu destino é acabar queimada na fogueira no centro da aldeia, representando o fim do tempo de entrudo.

Transformações e permanências

O entrudo atual de Outeiro iniciou-se há seis anos, estruturando-se em torno da iniciativa local com o apoio da câmara municipal, adotando formas inovadoras. Fatores como a emigração e o envelhecimento da população puseram fim, há já algum tempo, às celebrações tradicionais.



O Entrudo de Lindoso

Concelho: Ponte da Barca

Âmbito: Local

Freguesia/ lugar

Lindoso/Castelo e Parada

Principais datas de celebração:

- Domingo de entrudo
- Terça-feira de entrudo



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

O dia cinco de janeiro marca o início do entrudo. Nessa jornada, os organizadores percorrem a aldeia cantando os Reis e pedindo comida de casa em casa. Com os alimentos obtidos celebram um jantar onde se planifica a festa e se distribuem os papéis de cada um nos preparativos necessários para os dias grandes.

A celebração propriamente dita começa no domingo gordo de manhã, à saída da missa. Abre a comitiva o carro que transporta o Pai Velho, um busto masculino de madeira vestido com fato e camisa. Segue-se o chamado carro das Ervas, completamente coberto por uma estrutura vegetal de ramos verdes de mimosa. Ambos os carros são puxados pelos melhores bois da aldeia, unidos por um jugo ricamente trabalhado. O carro e o jugo vão ornamentados com papéis de cores que imitam motivos vegetais.

Ao som das chocas dos bois e do ranger dos carros, o cortejo avança pelas ruas da aldeia. Atrás, a rusga põe música à caminhada, na qual participam moradores e foliões. Nas paragens, dança-se até chegar ao lugar do cruzeiro, onde se representam as partes: cenas burlescas sobre acontecimentos e pessoas locais. Ao longo da tarde há música e baile no largo da aldeia.



Na terça-feira de entrudo, no início da tarde, repete-se o cortejo guiado pelos carros, percorrendo os caminhos e fazendo paragens para dançar e representar as partes. Fazem agora a sua aparição os varredouros, mascarados que levam vassouras de limpar o forno, com as quais “varrem” as pessoas, sujando-lhes o calçado e os pés.

A música e o baile tradicional — em círculo, por pares — ao som das concertinas, da raspa e do tambor, acompanhados pelas castanholas tocadas pelos homens, prolongam-se até à noite, quando tem lugar o velório e funeral do Pai Velho.

Viúvas e choradeiras, vestidas de luto e levando objetos sexuais, lamentam a sua morte junto ao corpo jacente, rodeado de fotografias de mulheres nuas. Entre gritos — clamando “Adeus, Pai Velho, foste um bom pai” — e gemidos, o cortejo fúnebre dirige-se à fogueira onde é lançado para ser queimado.

De seguida, procede-se à leitura do seu testamento, no qual expressa os seus desejos e reparte os seus bens entre os moradores, com reivindicações e sátiras dirigidas às instituições locais.



Personagens principais e papéis

Varredouros

Mascarados que, em geral, levam chapéus de palha e o rosto coberto com panos. Empunham vassouras do forno com as quais procuram sujar os moradores e os assistentes.

Outros elementos

Pai velho

Busto masculino de madeira que representa, segundo as interpretações locais, o inverno e o tempo de entrudo, em contraste com o carro das Ervas, associado à primavera e à renovação da natureza. Guarda-se, após a sua morte, em segredo até à sua reaparição no início do próximo entrudo.

Partes

Trata-se de pequenas representações ou cenas teatrais de tom satírico, nas quais se troca de pessoas e acontecimentos ocorridos na aldeia ao longo do ano.

Rusga

Comitiva musical formada por concertinas, bombos, ferros e castanholas.

Testamento

Leitura satírica na qual o Pai Velho revê as suas andanças e reparte os seus bens entre a vizinhança.



Transformações e permanências

O Pai Velho é uma das manifestações mais antigas da freguesia, que manteve a sua continuidade ao longo do tempo. Porém, nas décadas de setenta e oitenta a prática perdeu intensidade.

Desde o início dos anos dois mil e dez, a câmara e a junta de freguesia, juntamente com a comunidade através da associação local, iniciaram um processo de revitalização, mantendo os seus elementos tradicionais e incorporando novas expressões, como a leitura do testamento do Pai Velho.

O Entrudo de Castro Laboreiro

Concelho: Melgaço

Âmbito: Local

Freguesia/ lugar

Castro Laboreiro e Lamas de Mouro /
Castro Laboreiro*

Principais datas de celebração:

- Sábado de entrudo



* Na atualidade, os farrangalheiros saem na vila de Melgaço.

A celebração do entrudo na atualidade (2025)

Hoje, a celebração deslocou-se para a sede do concelho, integrando-se nos festejos do carnaval urbano de Melgaço.

Ao cair da noite, as mulheres vestem-se com as roupas próprias da farrangalheira: saias vermelhas bordadas, blusa branca, lenço cruzado e o garruço corado de fitas. Levam na mão um ramo de mimosas que substitui a antiga vara com a qual, noutro tempo, golpeavam quem se aproximasse.

Em pares, percorrem as ruas de Melgaço ao som das concertinas e com o acompanhamento das castanholas. No largo onde têm lugar os festejos principais do carnaval, dançam diante dos presentes, em círculo e por pares.

No final da jornada, na mesma praça, entre preces e lamentos, queima-se o entrudo até ficar reduzido a cinzas.



Personagens principais e papéis

Farrangalheiros

Figura característica do entrudo de Castro Laboreiro. Tradicionalmente eram as mulheres solteiras que se vestiam desta forma. Contrariamente ao que acontece em muitos entrudos vizinhos da Galiza e de Portugal, onde o protagonismo cabia aos rapazes, em Castro Laboreiro — marcado pela forte emigração sazonal masculina — eram as raparigas solteiras que o faziam.

O traje compõe-se de perneiras brancas, saiote vermelho bordado, alxibeira, blusa branca e lenço cruzado sobre as costas. A cabeça é coberta com um pano e o rosto com uma renda ou pano de encaixe para garantir o anonimato. Sobre esta colocava-se o característico garruço — chapéu cónico feito de cartão, adornado com fitas de cores. Tradicionalmente calçavam zocas.

Era uma máscara fustigadora, para o que utilizava uma vara; entrava nas casas fazendo falcatruas, como recorda uma moradora do lugar:

*“Íamos passear ao lugar, íamos às casas, fazíamos asneiras. Pintávamos um cisco. Tínhamos umas varas. Ninguém se podia chegar a nós se não batíamos-lhe. Os farrangalheiros eram bravos!”**

Esfarrapados

Antigamente, esta máscara percorria as aldeias, ruas e casas de Castro Laboreiro vestida com roupas velhas e levando chocalhos, com o rosto tapado por panos. O seu papel era o de provocar desordem, fazendo falcatruas.



Outros elementos

Boneco de Entrudo

Trata-se de um boneco vestido à maneira de um esfarrapado, com um traje velho e andrajoso. A sua queima marca hoje o final do entrudo, do mesmo modo que antigamente:

*“Antigamente queimavam-se os entrudos. Depois a gente berrava. Berrava pelos entrudos: Meu entrudinho, não quero que vás embora”**

Concertinas.

Acompanham o cortejo das farrangalheiras um grupo de concertinas juntamente com outros instrumentos. Tal como antigamente, continua a ser um componente fundamental da festa, animando o baile, e assim é recordado:

*“Depois tínhamos um tocador. Pagávamos-lhe a um tocador três dias. E a mocidade vinha-nos, onde a nós e depois dançávamos. Dançávamos um pouco, de farrangalheiros, mas depois íamos tirar aquele fato e vestir outro”**



Transformações e permanências

O entrudo de Castro Laboreiro entrou em declínio na segunda metade do século XX devido à emigração e ao despovoamento, ficando reduzido ao âmbito familiar.

Nos últimos anos, graças ao trabalho de recolha e documentação impulsionado pela Câmara Municipal de Melgaço, a celebração foi revitalizada, conseguindo que os farrangalheiros voltassem a sair às ruas.

** Testemunho de Angelina Fernandes, recolhido no e-Museu do Património Cultural Imaterial*

O Entrudo de Pitões das Júnias

Concelho: Montalegre

Freguesia/ lugar:

Pitões das Júnias / Pitões das Júnias

Âmbito: Local

Principais datas de celebração:

- Domingo de entrudo
- Terça e quarta-feira de entrudo



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

Na aldeia, a chegada do tempo de entrudo anuncia-se já na véspera do domingo magro com o som dos cornos. Este chamamento, feito a partir dos diferentes bairros de Pitões, repete-se nos dias centrais, antecedendo a saída dos caretos e farrapões. Bonecos de palha vestidos à maneira dos caretos, colocados pelas ruas, informam igualmente da chegada do tempo festivo.

Cada dia, à tarde ou ao anoitecer — de acordo com os informantes — os mascarados percorrem as ruas dos diferentes bairros sem um itinerário concreto, até se reunirem no largo da aldeia. Tradicionalmente visitavam-se os fiadeiros, nos quais se podia entrar após o pedido de permissão ao guarda, figura de rosto descoberto que acompanha os caretos.

Na praça, lugar de encontro de moradores e mascarados, dança-se até à noite ao redor de uma fogueira e ao som da charanga que anima a festa. Ali perto recria-se o espaço de um fiadeiro, onde se oferecem produtos tradicionais do tempo de entrudo, como a orelheira e o fumeiro, e doces como as filloas.

O último dia de entrudo termina com uma última cozedura de pão de centeio no forno comunitário, que se reparte entre locais e visitantes, e com a festa posterior no largo da aldeia.

Personagens principais e papéis

Caretos

Existe a figura masculina e a feminina. Ambas se vestem com as melhores roupas — fato e vestido —, bom calçado e adornos. Levam um pano sobre a cabeça e uma renda fina para ocultar o rosto. Tradicionalmente, essa roupa era emprestada com o objectivo último de não serem reconhecidos. Actuam em pares e vão acompanhados por um guarda, encarregado de evitar que sejam descobertos.

Guarda

Esta personagem vai com o rosto descoberto. A sua função é proteger os caretos; quando se visitavam os fiadeiros, era o encarregado de pedir permissão para entrar. Antigamente, este papel era desempenhado por um homem alto ou corpulento.

Farrapões

Figuras mais descuidadas, vestem roupa velha e rota. Tapam o rosto com panos de modo a não poderem ser reconhecidas. Transportam chocalhos, campainhas e paus. É uma figura transgressora: irrompe nas casas e provoca as pessoas com burlas e falcatuas.



Outros elementos

A cozedura do pão

Um dos elementos tradicionais do entrudo de Pitões é a cozedura de pão no forno comunitário. Atualmente, é elaborado em cada um dos dias grandes, desde o chamado sábado filhoeiro até à terça-feira de entrudo. É um pão que é partilhado com a comunidade.

Fiadeiros

Eram dependências ou espaços no interior das casas ou das cortes onde tradicionalmente as mulheres se reuniam para fiar, terminando com baile e festa aos quais acorriam os rapazes. Geralmente tinham lugar à noite, durante grande parte do inverno, quando as tarefas do campo eram menores. No entrudo atual de Pitões, estes espaços — que eram visitados pelos mascarados — são recriados no centro da aldeia, como ponto de encontro e espaço festivo.

Transformações e permanências

Desde meados do século XX, o entrudo sofreu um intenso declínio até à sua quase total desaparecimento devido à emigração.

Porém, há cerca de pouco mais de uma década, a situação inverteu-se através da recuperação de diversas práticas e máscaras, fruto de um trabalho de documentação e recolha de memórias com o apoio da municipalidade..



O Entrudo de Tourém

Concelho: Montalegre

Freguesia/ lugar: Tourém / Tourém

Âmbito: local

Principais datas de celebração:

- Domingo de entrudo



A celebração do entrudo na atualidade (2025)

A festa celebra-se em torno do domingo gordo, embora os preparativos comecem dias antes, com os arranjos dos carros e a elaboração de bonecos de palha que são colocados em diferentes pontos da aldeia, anunciando a chegada do tempo de entrudo.

No início da tarde, máscaras e moradores reúnem-se nas proximidades da igreja de São Pedro, no bairro das Lages, um dos dois que compõem Tourém. A música das concertinas anima o avanço do cortejo de entrudo, que percorre as ruas a caminho de Outeiro, o outro dos bairros que formam a aldeia.

Tradicionalmente, o entrudo começava com disputas entre os dois bairros, através de troças e brincadeiras que ritualizavam as tensões sociais.

Fazem parte da comitiva diversos carros que transportam máscaras ou bonecos, os felipeiros vestidos com roupas velhas e mascarados cobertos com corozas, entre os quais se mistura a população. Há disfarces satíricos que troçam das instituições, bem como carros que aludem de forma sarcástica a acontecimentos da atualidade política. Antigamente, também integravam o cortejo representações de comédias, como partos e casamentos, ou actos satíricos em que se criticavam pessoas e se aludiam a acontecimentos ocorridos na aldeia, sempre protegidos pelo anonimato da máscara.

No largo do Outeiro, o cortejo faz uma paragem para dançar e cantar ao som das concertinas, antes de continuar o seu percurso, que termina com uma refeição comunitária.



Personagens principais e papéis

Felipeiros

É a figura característica do entrudo de Tourém. Podem vestir roupas velhas, tapando a cabeça com panos e o rosto com um pano de renda. Tradicionalmente eram os rapazes e raparigas que se vestiam desta forma. São também habituais as máscaras que se cobrem com corozas, trajes feitos de palha ou junco que os lavradores e pastores usavam para se proteger da chuva. Do mesmo modo, ocultam o rosto com um pano de renda para manter o anonimato. Antigamente, segundo a memória local, saíam figuras que se vestiam com peles de animais.

Os felipeiros eram máscaras fustigadoras, utilizando bexigas presas a um pau para bater nas pessoas. No seu deambular pelas ruas, costumavam entrar nas casas dos moradores.



Outros elementos

Concertinas

Fazem parte do cortejo de entrudo, acompanham a caminhada com a sua música e encarregam-se de animar a festa durante as paragens onde se canta e se dança.

Bonecos

Figuras de palha vestidas à maneira dos felipeiros, que são penduradas e colocadas pelas ruas e casas durante o entrudo.



Transformações e permanências

Como aconteceu noutras freguesias e aldeias da região, o entrudo de Tourém foi perdendo intensidade ao longo da segunda metade do século XX. Porém, nas últimas décadas, pela mão da municipalidade e de instituições culturais, a comunidade recuperou parte das figuras e manifestações tradicionais, adaptando-as à nova realidade social.

Na memória local permanece a lembrança dos confrontos entre bairros, das comédias satíricas, da partilha de lacón, orelheira e chouriços numa refeição comunitária durante o domingo de entrudo, e de outras máscaras que faziam parte do cortejo: cavaleiros, bonitos vestidos de branco com chapéus cónicos de cartão adornados com fitas vermelhas, e ciganas, também conhecidas nos entrudos galegos de fronteira.

O fim do tempo festivo chegava com o enterro de um boneco de palha de grandes dimensões — representação do entrudo — que era precedido por um cortejo que chorava a sua perda.

Situado na raia seca, o entrudo de Tourém partilha formas e expressões comuns com os do lado galego, exemplo claro da continuidade cultural transfronteiriça.

Frente ao despovoamento, folião★

Novos? sentidos para novos entrudos. Festa, identidade e resistência.

“Vestiamonos de carnaval e ibamos aos puebllos, rapaces e rapazas toda a juventud, era unha feira. Pero o lugar terminou, era un lugar de, eu que sei... pasábase moi ben, e agora non, agora é triste. Agora é triste porque non hai xente, só maiores, só maiores, hai máis vellos ca novos”.

Uma moradora, a mais velha de um lugar.

As palavras desta moradora condensam uma percepção amplamente partilhada em muitos recantos do território da Reserva: a sensação de um tempo que chega ao fim, o esmorecimento e a impossibilidade de continuidade «o lugar acabou», enfatiza.

Neste contexto, poder-se-ia dizer que correr o entrudo é hoje um acto de resistência, distinto do que foi no passado recente, quando as festas tinham sido proibidas ou reprimidas, mas igualmente — ou ainda mais — valioso. Trata-se agora de uma resistência perante uma força mais implacável, constante e silenciosa: a do abandono, do despovoamento e do envelhecimento da população.

Contra ela, o entrudo exerce a sua resistência através da reafirmação da identidade da comunidade que o celebra, expressando o sentimento de pertença e tornando visível a sua existência e continuidade no tempo. Hoje, com maior ou menor correspondência segundo o lugar, a máscara singular de cada entrudo representa e identifica essa comunidade perante o exterior. O mascaramento constitui um gesto de afirmação das identidades locais, de permanência e de luta num território marcado pelo despovoamento.

Mas o entrudo não apenas reafirma as identidades locais: tem também a capacidade de construir e ativar a própria comunidade. Durante alguns dias, vizinhos e vizinhas reencontram-se. O tempo festivo torna-se um pretexto para estimular a vida colectiva e reforçar os laços familiares, vicinais e intergeracionais.



Os percursos pelas aldeias reavivam relações em torno da comida partilhada e das conversas. As visitas aos centros de idosos conectam gerações e reconhecem aqueles que precederam a comunidade. Há uma ligação no espaço e também uma ligação no tempo, entre passado e futuro. Assim, o entrudo sustém a rede social de um território disperso.

Perante o rumor recorrente que se repete em cada aldeia — de vazio e ausência de gente —, perante a narrativa do ocaso dos povoados, o entrudo introduz um contraponto festivo, no qual se reúne quem habita e regressa quem partiu.

O entrudo é, assim, expressão do espírito de luta por manter vivo o território. Funciona como um acto consciente de resistência cultural, liderado fundamentalmente pela juventude e pelas associações de mulheres.

Muito mais do que uma tradição, o entrudo é uma prática viva que, ao som das chocaldas e da música que ressoa nas ruas e nas casas que voltam a abrir-se, transmuta o espaço, reafirmando um território que continua habitado e com vontade de se projectar para o futuro.

**Empregamos aqui o termo folião no seu sentido amplo — o de festa ruidosa e colectiva — para além das suas expressões concretas próprias de outros entrudos.*

Agradecimentos

Esta publicação não poderia ter sido escrita sem a voz e a acção dos seus protagonistas, que acompanharam e convidaram os redactores a descobrir um rico e complexo universo festivo, transmitido e celebrado de geração em geração. A todos eles, o nosso mais sincero agradecimento.

Às pessoas que deram voz à memória dos entrudos e àquelas que nos permitiram chegar até elas::

No concelho de Bande

- Manuel Salgado.
- Carmen Villarino Garrido.
- M^a Carmen Codea Villarino.
- María Rodríguez Rodríguez (Maruja).
- Elvira Morgade González.
- Manolo LópezDolores Estévez.

- David Salgado
- Noli Vázquez

Facilitadores

No concelho de Lobios

- Rosa Pérez Yáñez.
- M.^a Isabel Veloso Álvarez.
- Palmira Costas Salgado.
- Argentina González Salgado.
- Clementina Sousa Vázquez.
- Benito Álvarez López.

- Olga Bernarndo
- Mari Luz Estévez

Facilitadores

No concelho de Lobeira

- Carmen Álvarez.
- Elvira Álvarez Domínguez

- Maria José López
- Juan Carlos Alonso

Facilitadores

No concelho de Calvos de Randín

- M^a Vitoria González Salgado.
- M^a Concepción Docampo.
- Rogelio Galante Bara.
- Miguel Valencia Valencia.
- Jesús Arrojo Álvarez.
- José Carballal Rodríguez.
- Julia Álvarez Valencia.
- Bernardo Sotelo Suárez.

- Aquilino Valencia
- Elisa Martínez
- Encarna Barja

Facilitadores

No concelho de Muíños

- Rosa Pena Fernández.
- Celso Diz Quintas.
- Celso Rodríguez.
- Rosa Álvarez.
- Benita Álvarez.

- Israel Rincón
- Alberto Pérez
- Celsa Rodríguez
- Lino Perdiz
- Anabel Vázquez

Facilitadores

No concelho de Entrimo

- Rosa Barroso Javier.
- Otilia González.
- María Clotilde Rodríguez.

- Ramón Alonso López
- Beatriz Pereira

Facilitadores

Aqueles que nos permitiram fazer parte dos entrudos:

No concelho de Bande

- A.C. troiteiros de Bande, especialmente a Maika Rodríguez e Eloi dos Freirías

No concelho de Lobios

- A.C. Follateiros de Lobios e especialmente a Marta Delgado
- Danzantes de Vilameá, especialmente a José Barros e Olga Bernardo

No concelho de Muíños

- A.C. Cabreiros de Muíños, especialmente a Marcos Abelleira

No concelho de Entrimo

- Asoc. de mulleres rurais de Entrimo, especialmente a Luz M. Rodríguez.

Sem esquecer o Carlos do MUGAE e os trabalhadores públicos dos diferentes municípios pela sua disponibilidade e colaboração.

Da parte de Portugal:

Ponte da Barca

- Câmara Municipal de Ponte da Barca
- Junta de Freguesia de Lindoso
- Associação “Os Amigos de Lindoso” – Associação Desportiva e Recreativa da Freguesia de Lindoso

Melgaço

- Câmara Municipal de Melgaço
- Projeto RAÍZES

Montalegre

- Câmara Municipal de Montalegre
- Junta de Freguesia de Tourém
- Junta de Freguesia de Pitões das Júnias
- Junta de Freguesia de Cabril
- Junta de Freguesia de Outeiro
- Os folhateiros de Outeiro

Bibliografía

- Araujo, Xosé María. 2021. *Recordos do Entroido*. Noia: Toxosoutos.
- Ares Pérez, Carlos Xosé. 2019. *Festividades de inverno na provincia de Ourense: máscaras, personaxes e rituais*. Allariz (Ourense): Alveiros, Fundación Vicente Risco.
- Bouza-Brey Trillo, Fermín. 1933. “Máscaras galegas de origen prehistórico.” *En Homenagem a Martins Sarmiento*, editado por Mário Cardozo, 73–82. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.
- Bouza-Brey, Fermín. 1957. *Las viejas máscaras de Galicia*. Santiago de Compostela: Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento (CSIC).
- Caro Baroja, Julio. 1963. “Mascaradas de invierno en España y otras partes.” *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* 19 (1–3): 139–296. Madrid: CSIC.
- Cocho, Federico. 1992. *O carnaval en Galicia*. Vigo: Xerais.
- Dasairas Valsa, Xerardo. 1990. *O entroido nas terras de Monterrei*. Vilaboa (Pontevedra): Edicións do Cumio.
- Fidalgo Santamaría, Francisco. 2002. *As caras do entroido ourensán*. Ourense: Deputación Provincial.
- González Fernández, Óscar J. 2020. *Mascaradas de la Península Ibérica*. 2ª ed. s.l.: autoedición.

González Reboredo, Xosé Manuel, e Xesús R. Mariño Ferro. 1987. *Entroido: aproximación a la fiesta del Carnaval en Galicia*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

Lorenzo, Xaquín. 1934. “Notas encol do Antroido en Lobeira.” *Nós* 124–125 (ano XVI).

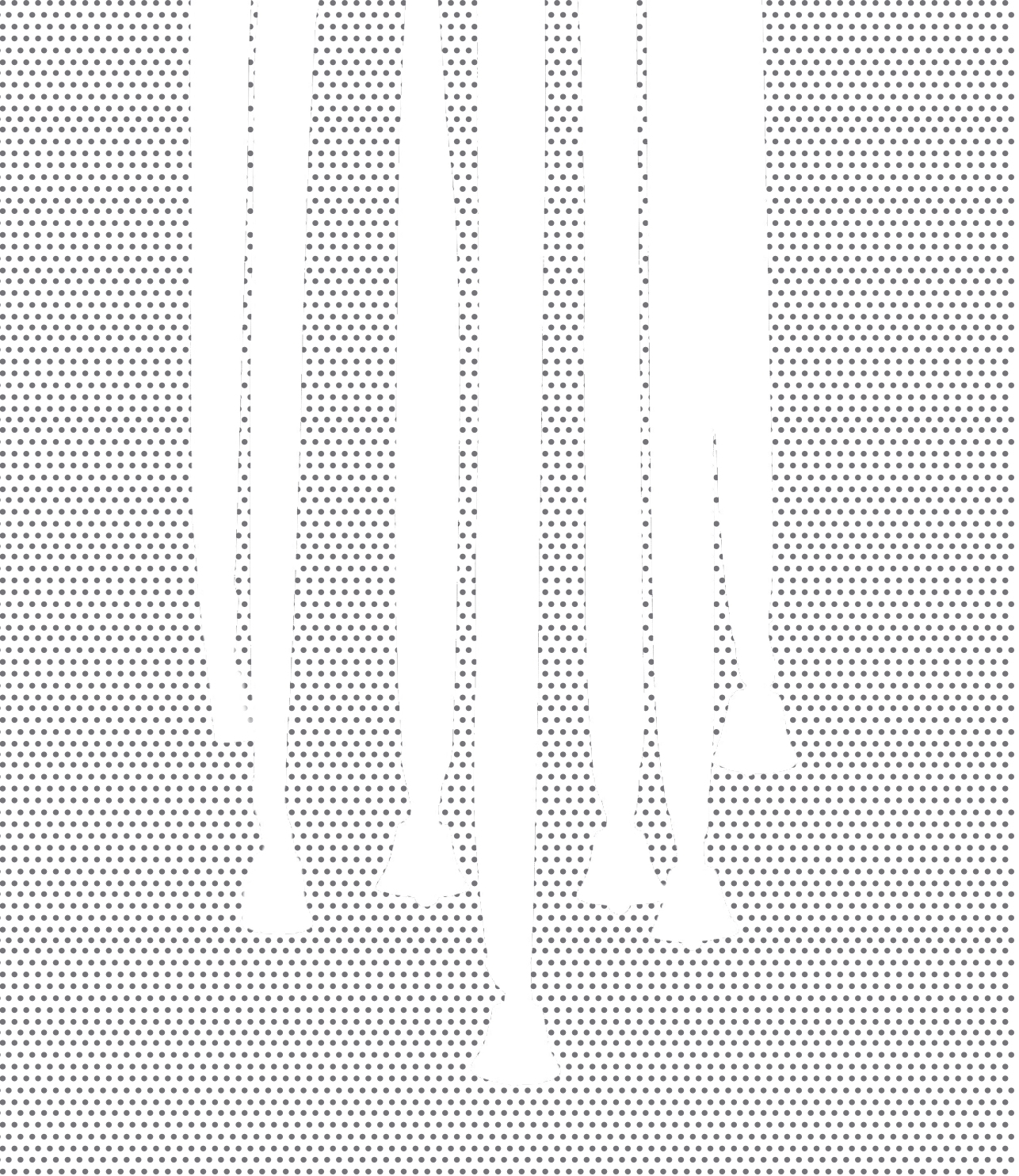
Oliveira, Ernesto Veiga de. 1995. *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Prat i Carós, Joan. 1993. “El carnaval y sus rituales: algunas lecturas antropológicas.” *Temas de Antropología Aragonesa* 4: 278–296.

Quintía Pereira, Rafael. 2023. *A boreada das máscaras: estudo histórico e antropológico dos Entroidos tradicionais de Xermade*. Premio Xermade na Historia, coordinado por Xosé Manuel Felpeto Carballeira, Jesús Rodríguez Rodríguez e Lucía Guizán Trastoy. Xermade: Concello de Xermade.

Risco, Vicente. 1984. “Notas sobre las fiestas del carnaval en Galicia.” *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* 4 (2–3). Reedición do texto orixinal de 1927.

Taboada Chivite, Xosé. 1974. “O meco no contexto mítico de renovación cósmica e vexetativa.” En *In Memoriam António Jorge Dias*, vol. II. Lisboa: s.e.







Interreg



Co-financiado por
la Unión Europea
co-financiado por
Unión Europea

España - Portugal

GERÊS-XURÉS
mais sustentável

GERÊS-XURÉS
RESERVA DA BIOSFERA
TRANSFRONTEIRIÇA



.....

DEPUTACIÓN
OURENSE

